

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

SUMÁRIO:

Apresentação — A COMISSÃO DIRECTIVA.

Profissão de princípios — DR.ª AMÉLIA CARDIA.

Sôbre a existência de Deus — (ENSAIO) — ANTÓNIO L. VILELA.

A Alma Humana — (NEOPSIQUISMO EXPERIMENTAL) — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.

Aos Espíritas Portuguezes — DR. AFONSO A. MARTINS VELHO.

Factos supranormais — UM CASO DE TELEPATIA — UMA MATERIALIZAÇÃO OPORTUNA.

Revista das revistas — MATERIALISMO, POSITIVISMO, ESPÍRITUALISMO — DR. ANTÓNIO J. FREIRE; — O ESPÍRITISMO SCIENTÍFICO — DR. ADOLFO SENA.

Noticiário.

Corpos gerentes da Federação Espírita Portuguesa.

Estatutos da Federação Espírita Portuguesa.



2.ª EDIÇÃO

Redacção e Administração:

RUA DA ASSUNÇÃO, 58

LISBOA

PORTUGAL

Número avulso 3\$00

FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

A SUA NOVA SEDE

Participamos a todos os nossos Prezados Confrades que a Federação Espírita Portuguesa acaba de se instalar na **Rua da Assunção, 58-4.º**.

O arrendamento foi efectuado só depois de composto o texto desta revista, motivo porque é inserida nesta página a boa-nova, cuja realização custou meses consecutivos de insanos e tenazes esforços a alguns membros da Direcção, que procuraram sempre obter uma sede central, de fácil acesso a todos os Confrades residentes em Lisboa.

Em consequência da primitiva sede não ter oferecido as devidas condições para trabalhos experimentais, só agora se iniciam os trabalhos práticos de Espiritismo e de Metapsíquica, ficando desde já, e por este meio, convidados todos os sócios que queiram fazer parte de Grupos experimentais ou desejem desenvolver as suas faculdades medianímicas e supranormais a comparecer na nova sede da Federação, das 20 às 23 horas de todos os dias.

A biblioteca e sala de leitura estão patentes aos sócios todos os dias.

Todos os sábados, das 21 às 23 horas, serão expostos e discutidos alguns dos principais capítulos do Espiritismo, Metapsíquica e sciências anexas, sendo o Espiritismo estudado nos seus múltiplos aspectos: — científico, filosófico, religioso, experimental, moral e social, por alguns dos nossos mais competentes Confrades.

As conferências públicas de propaganda espírita serão iniciadas em Lisboa em Maio p. futuro, estando já inscritos vários Conferentes, e serão previamente anunciadas nos jornais de maior circulação da capital.

A todos os nossos Dedicados Confrades, residentes em Lisboa, pedimos, muito encarecidamente, a sua assídua frequência à nossa Federação, para assim efectuarmos uma franca e íntima confraternização, tanto afectiva como intelectual.

A todos os nossos Prezados Confrades da Província, de passagem por Lisboa, pedimos a gentileza da sua visita à nossa Federação, de preferência depois das 20 horas.

Só a união faz a força.

Pela Direcção da Federação Espírita Portuguesa

O Presidente,

A. A. MARTINS VELHO

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Revista de Espiritismo

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Hipnomagnetismo — Metapsíquica — Esoterismo — Ética

Órgão da Federação Espírita Portuguesa

Administrador — *Carlos J. da Costa Carinha*

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. Adolfo Sena — Dr. António J. Freire — António L. Vilela — Alberto Zagalo Fernandes — José Neves.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni Lacombe — D. Maria Veleda — Conselheiro Dr. João José da Silva — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Fernando Almiro N. Vale — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão José R. Pinto da Silva — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.*

ASSINATURAS

Portugal Continental e Ilhas Adjacentes .. (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (»)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro..... (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

Revista de Espiritismo

Órgão da Federação Espírita Portuguesa

Apresentação

O aparecimento desta revista corresponde ao lógico complemento da fundação da **Federação Espírita Portuguesa**, inaugurada em 31 de Julho p. passado, que, dentro da sua organização estatutária, preceitua, na *alínea d) do artigo 3.º*, a publicação dum órgão oficial.

A Comissão Directiva desta revista foi eleita pelo Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, na sua primeira sessão, em harmonia com o § *primeiro do artigo 23.º* dos seus Estatutos.

* * *

Desde o meado do século passado tem-se operado, sobretudo na América e na Europa, uma grandiosa e avassaladora renascença neo-espiritualista, que teve por ponto de partida os fenómenos espiritistas, de repercussão mundial, ocorridos em Hydesville, pequena cidade do estado de New-York, em casa da família Fox, durante os anos de 1847 e 1848.

Esta renascença espiritualista, essencialmente científica, pelo seu carácter experimental e positivo, tem um alto significado filosófico, moral e social, que se impõe a todos aqueles que, libertos de preconceitos científicos ou religiosos, queiram estudar o seu mecanismo e acção.

O Espiritismo, *alma-mater* de todo êste moderno espiritualismo, é moldado nos mais rigorosos princípios do método experimental e positivo, através duma fenomenologia vasta, multiforme, complexa, transcendental, que sábios de renome mundial — Zoellner, Lombroso, W. Crookes, R. Wallace, Aksakoff, Charles Richet, Flammarion, Myers, Barrett, Oliver Lodge, Geley, etc. — fizeram descer à observação analítica dos seus laboratórios.

Nestes santuários de sciência, donde saíram as mais prodigiosas descobertas físico-químicas e biológicas dos últimos cinquenta anos, foram consagradas as novas sciências nascentes dimanadas do experimentalismo espiritista, desde a **parapsicologia** à **metapsíquica**, remodelando todo o psiquismo anímico, impondo novas atitudes à psicologia clássica, escabujante nos estreitos limites materialistas.

A's concepções metafísicas da especulação escolástica, nebulosas e improgressivas, que vão carcomindo as insubsistentes religiões milenárias, sucedeu, como lógica e progressiva reacção, o aparecimento e revivescência de variadas correntes neo-espiritualistas, despidas do tradicional carácter dogmático, de ridículos e vetustos ritualismos, libertas da clássica intolerância sectária e interesseira.

A teocracia clerical e a autocracia da sciência oficial negativista estão nos últimos redutos do seu ultramontanismo e do seu *misonéismo*.

* * *

Período de transição, de manifesta instabilidade, o que atravessamos, no estadio actual, tanto para as religiões oficiais, como para a sciência clássica, em

que a derrocada dos seus princípios básicos se acentua de dia para dia, batidos pelas novas sciências psico-experimentais, que, em breve, hão de dominar e orientar o pensamento científico contemporâneo numa íntima e fecunda confraternização das duas inimigas secularmente irreconciliáveis — religião e sciência — moldando-as em novas bases, numa orientação nitidamente espiritualista, numa directriz filosófica, visando a finalidade humana, desvendando o mistério da vida.

Religião e sciência estão em franca bancarrota, porque não souberam responder à sua grandiosa missão evolutiva, em consequência de se terem mercantilizado, estreitando e falsificando os limites do conhecimento humano.

Henri Poincaré, na sua obra admirável de crítica analítica — *O valor da Sciência* — demonstra como estão profundamente abalados os mais importantes princípios que regem tóda a estrutura da sciência catedrática, desde o da conservação da energia, derivado do princípio Meyer ao da conservação da matéria ou princípio de Lavoisier.

Gustave Le Bon nas suas obras geniais — *Evolução da Matéria e Evolução das Forças* — revoluciona os melhores e mais firmes conceitos que a sciência catedrática tinha elevado à categoria de dogmas, marcando-lhe novas atitudes, abrindo um novo ciclo à operatividade científica.

O falso conceito da eternidade da matéria dá lugar ao da desintegração da matéria.

O átomo não é inamovível e indestrutível, mas sim um verdadeiro sistema solar, com as suas alegrias e com as suas dores, expressas nas suas atrações e repulsões, nas suas afinidades electivas, obedecendo à suprema lei da evolução.

A matéria não é inerte, nela palpita a vida como Bose demonstrou nas suas engenhosas experiências sôbre os metais.

Em todo o Universo não há apenas *pandinamismo*; existe também o *panvitalismo*.

A morte é uma ficção macabra, representando apenas um elo entre duas vidas, numa ascese evolutiva, desde os minerais ao homem.

Gustave Le Bon, o genial materialista que soube *espiritualizar* a matéria, preconiza a urgência duma revisão e dum renovamento das concepções clássicas do Universo, falando abertamente, numa *nova sciência de amanhã*, que tente decifrar o tenebroso enigma das causas da vida.

O eminente professor F. Soddy, membro da Sociedade Real de Londres, uma das maiores autoridades na interpretação da radioactividade, na sua obra magistral — *O Rádio* — prova como são erróneas as explicações da sciência perante um grande número de fenómenos físico-químicos, cujo mecanismo era bem melhor compreendido dos antigos alquimistas, possuindo uma noção mais perfeita dos átomos, dos elementos e da natureza íntima do Universo.

— «Os efeitos da desintegração da matéria e da radioactividade, diz Soddy, ligados fundamentalmente à natureza última da matéria, hão de criar novas concepções, que ainda mal podemos prever, relativas ao destino final do homem e aos problemas fundamentais da existência.»

Para todos aqueles que tenham seguido os modernos trabalhos de J. Becquerel, Lord Kelvin, W. Ramsay, Neumann, Hertz, Larmor, Rutherford, Fresnel, J. Lefèvre e de muitos outros físicos e químicos contemporâneos, existe a nítida compreensão que novos e largos horizontes se abrem à *hiperfísica* e à *hiperquímica* no domínio do invisível e do maravilhoso prescientífico.

Estamos mergulhados num oceano flúidico, cujas potencialidades ultrapassam os estreitos limites que vão do microscópio ao telescópio, solidárias com o nosso dinamismo superior.

Os novos conceitos dos *electrões* que parecem ser meras e fortuitas concretizações do éter — levam-nos à conclusão de que a matéria através de todas

as suas infinitas modalidades, assim como todos os fenómenos naturais, desde a luz à electricidade, se resumem apenas na transformação e vibrações do éter.

Cada átomo é um Universo, e em vez de ser um joguete das forças naturais, como se supunha, é êle a alma e a mola propulsora dos mundos, reservatório de forças colossais e indómitas.

No dia em que a *hiperfísica* saiba captar e orientar mecânicamente a colossal energia intra-atômica, proveniente, talvez, da polarização dos electrões no sistema atômico, a Humanidade terá dominado o mundo material, obtendo uma fonte de energia inexgotável, e resolvido os mais prementes problemas sociais, conquistando um bem-estar paradisíaco sob o ponto de vista das suas necessidades fisiológicas.

* * *

Mas, se por um lado, assistimos a novas atitudes conceptuais da ciência oficial nos domínios do mundo material, em tôda a sua vasta fenomenologia físico-química, — por outro lado, paralelamente, num sincronismo admirável, assistimos também a uma remodelação profunda e intensa da psicologia clássica, cujos conceitos sobre o dinamismo da alma humana saltaram dos estreitos limites do cérebro, dominando o espaço e o tempo, através dessa fenomenologia imprevista, complexa, transcendental, que vai da simples clarividência à metagnomia, quer telepática, quer premonitória, e da ideoplastia à materialização ectoplásmica ou teleplásmica, em que o passado, presente e futuro se apresentam numa só dimensão, criando essa nova ciência — a **Metapsíquica** — filha legítima e dilecta da fenomenologia espiritista, um dos capítulos mais interessantes da filosofia contemporânea.

O hipnomagnetismo revolucionou todos os princípios básicos em que assentava a psicologia catedrática, desarticulando e decompondo analiticamente a alma humana, exteriorizando-a, libertando-a dos liames carnaes.

A alma humana tem já a sua anatomia e a sua fisiologia, paralelamente à anatomia e fisiologia do seu instrumento e envólucro — o corpo físico — de que é o verdadeiro motor e orientador.

As sciências psico-experimentais, como diz o eminente neurologista e sábio professor Grasset, *vão desocultar o oculto*, e avançam a passos firmes para a *Terra Prometida* duma nova ciência.

Nesta *nova sciência*, todos aqueles que a auscultam, libertos de prejuízos sectários da ortodoxia científica ou religiosa, sentem já palpitar, no seu âmago estrutural, em formidáveis potencialidades de energias indómitas, a regeneração e resgate da Humanidade numa fecunda e dominadora síntese de religiões, sciências e filosofias.

O coronel-conde Rochas d'Aiglon, Dr. Baraduc, Lefranc, Lancelin, Durville, Matla e Zaalberg van Zelst, e tantos outros, são os pioneiros ilustres e destemidos que teem conquistado, palmo a palmo, os mais recônditos escaninhos da anatomia e fisiologia da alma humana, estudando e observando experimentalmente a sua biologia e psiquismo, decompondo-a nas suas camadas concêntricas, dissecando-a e exteriorizando-a por processos hipnomagnetológicos, mais ou menos complexos, descritos numa literatura abundante e variada, em que os factos experimentais constituem o principal trama e objectivo.

Facto estranho e paradoxal:—a radioactividade como que espiritualizou a matéria, enquanto a ectoplasmia como que materializou o espírito.

Profissão de principios

Quereis que conversemos um pouco, meus amigos?

Vamos então, se vos apraz, aproveitar os nossos momentos desocupados, falando daquilo que mais pode interessar-nos, isto é, do nosso destino, do nosso bem, que, em tôda a sua generalidade, não é mais do que o bem comum de todos os homens, sem distinção de raça, de nacionalidade, de condição social.

Prestai-me pois uma parcela de atenção com que por minha vez vos escuto e algum fruto colheremos, vós das minhas palavras, eu das vossas; que, trocar impressões, trocar idéas, é sempre meio seguro de claramente as definir, de sòlidamente as radicar.

E' claro que não venho dizer-vos coisas novas. A pretensão a idéas originaes é descabida como vaidade estulta. O que venho trazer-vos são apenas deducções de estudo de que, fecundadas pelo vosso, poderá chispar luz, que é tudo que buscamos, como sói faiscar da pederneira quando vigorosamente percutida com um fuzil.

Mas, se no nosso exclusivo convívio não precisamos afirmar os nossos princípios, pois que todos os professamos, entendo que devemos proclamá-los com desassombro a todos os ventos, sempre que ventilemos assuntos de certa magnitude, para que as nossas palavras não sejam deturpadas por aqueles que, alheios ao quadro dos nossos pensamentos, possam interpretá-las erradamente, ignorando quão firmes são os esteios da nossa doutrina.

Submetamos, pois, a solidez dos alicerces em que assentam as nossas convicções à análise rigorosa dos que só sabem ver o que a sua retina lhes mostra, dos que apenas conseguem palpar o que as suas mãos tacteiam, e a coesão da mole impôr-se há com tal evidência, que o espírito de negação, deslizando por nós confundido, se verá forçado a confessar *bon gré mal gré*: — «Deus está com eles».

Sim. Deus está connosco.

Deus está com todos a-final, embora por vezes nos pareça que assim não é. Reside na consciência de cada um, para dar a sua sanção de Juíz Supremo ao acto e à intenção.

— Acreditais que haja ateus, vós?

— Eu não acredito.

Seguí de perto a evolução da idéa religiosa e pensareis como eu.

A humanidade terrena, como provàvelmente as humanidades das outras Terras do Espaço, quando a vida, passando do vegetal ao animal, atingiu no homem o ciclo evolutivo da consciência, sentiu-se esmagada pela impetuosidade das fôrças da natureza e julgou que a Terra inteira se conjurava contra a sua existência. Aterrada pelos cataclismos espantosos da infância do glôbo, tremeu, gemeu, chorou. Foi assim que pela porta do sofrimento a idéa de Deus entrou a primeira vez na alma do homem.

Mas êste, scentelha divina, desprendida da Fôrça Criadora do Universo, prodigioso centro de fôrças também, potencial estupefaciente, reagindo contra a dor, conjugou todas as suas energias na resultante **Pensamento** e logrou criar condições de melhoria no seu *habitat*.

Descobrindo em si uma capacidade inventiva, dela tirou a arma do caçador e a curtimenta das peles para se cobrir; derrubou a árvore gigante a que pediu o cajado do pastor e a sebe do curral; armou a charrua do lavrador e

balizou as terras; assim, caçador nómada, sucessivamente, pastor, agricultor, levantou a tenda, fundou a família, a tribo, a propriedade individual, a legislação.

Senhor seu enfim, chefe da sua nação, patriarca do seu povo, o homem satisfeito nas suas aspirações, sentiu que Deus entrava uma segunda vez na sua alma pela porta da emoção que lhe dera a felicidade; e julgando-se seguro agora de que nada poderia perturbar a sua energia pensante, isolou-se no seu fóro íntimo a relacionar pela meditação as idéas de temor e de protecção amável que lhe tinham revelado a Divindade.

Ai dêle que presumira demasiado de si!

Inábil para conceber a unidade nos dois aspectos sob os quais o Ente Supremo se lhe mostrara, personifica o mal em Siva, o bem em Brahma na Asia central; aquele em Tifon, êste em Osiris, transitando daí para o Egito; vê o primeiro em Ahriman, o segundo em Ormuzd na Pérsia; individualiza na Helade o princípio do mal em Saturno, que incessantemente e de pronto devora os filhos logo que os engendra, em Júpiter, que distribui a felicidade aos humanos, o do bem.

Mas Brahma triunfa definitivamente sôbre Siva; Ahriman tem a importância apenas duma divindade provisória; Tifon é repellido para o deserto e Saturno decai no calendário mitológico, diante da personificação exclusiva do bem, cuja noção progride e se eleva na Judea à concepção do Deus Uno na figura de Jehovah. Contudo a dualidade persiste ainda nos atributos da divindade suprema. Se é um deus de benevolência, é simultâneamente o deus da vingança e de terror que arraza Sodoma e castiga até à terceira geração, segundo o texto explícito da Bíblia.

Assim a idéa de Deus, indefinida e confusa na origem, velada pelos mitos das várias teogonias nas diversas civilizações, nasce com o alvorecer da consciência, precisa-se com nitidez na sua posse plena e impõe-se à razão amadurecida pela prova irrefutável, além de inúmeras outras, da sua persistência no consenso geral, pois que tendo todos os grandes sentimentos dos homens os seus objectos correlativos, seria absurdo supôr que só êste fizesse excepção, privado da realidade correspondente.

— Como pode então haver ateus?

Os que na antiguidade se disseram tais, pretenderam justificar com a sua incredulidade na divindade suprema, que repudiavam do seu fóro interior os desmandos do seu desregramento.

Podemos, é certo, rememorar nomes de homens que se jactavam de ateus nos tempos modernos, crêdores aliás por vários títulos a lugares prôeminentes no pantéon da história — Lalande, Laplace, por exemplo.

E' que à razão esclarecida repugna invencivelmente o Deus cruel que a Bíblia lhe pinta, sublimado no odioso pela revoltante injustiça da doutrina da *predestinação*, pelo dogma da *condenação eterna*, que motivam as imprecações de Proudhon, e prefere negá-lo a aceitá-lo como lho figuram, em aberto antagonismo com o sentimento benévolo e as aquisições científicas do espírito humano evoluído.

Eram os revoltados contra a teodicéa blasfema os pretensos ateus.

Um daqueles, Max Buchon, num rasgo de inspiração patética, atribui a Deus esta linguagem indignada:

«Não vos proíbi eu a vingança, a vós?! julgais coisa tão fútil as minhas leis que eu não comece por applicá-las a mim próprio?! Pois quê! O coração daquela que vos deu o sêr teria bastante indulgência para vos perdoar, e eu, que modelo nas minhas mãos o coração de todas as mães, eu que o faço viver da minha própria vida, eu que o perfume com tanto amor e tanta piedade, a-fim-de que nos dias maus nele encontreis sempre um refúgio, eu ficaria abaixo da minha humilde criatura?!»

A palavra ateu traz-me sempre à memória aquele indivíduo que abominava os médicos contra os quais achava apodos nas suas invectivas de que o menos insultante era o de charlatães.

— Mas então que faz quando está doente? — perguntaram-lhe.

— Trato-me eu mesmo.

— E não receia tomar alguma droga venenosa?

— Impossível. As receitas de que faço uso são de clínicos experimentados.

— Ah!!...

Pois as contradições não são menos flagrantes entre os ateus.

O ilustre químico Berthelot, que pertence à falange dos positivistas, inventores da expressão *ateísmo matemático*, exprime-se d'este modo na «Revue des Deux-Mondes» :

«Por detrás da Verdade, do Belo e do Bem, a humanidade sentiu sempre, sem a conhecer, que existe uma realidade soberana em que reside êsse ideal, isto é, Deus, o centro e a unidade misteriosa e inacessível para a qual converge a ordem universal».

Quereis mais e melhor?

E' claro que não trago à tela da discussão aqueles — e são inumeráveis — que alardeiam ateísmo por snobismo ou por paixão emulativa sem terem atingido a idade da razão, embora adiantados em anos.

Estes só merecem a nossa piedade, porque o seu deplorável êrro é na verdade para lastimar. Dar-lhes há ainda muito que fazer...

Desnecessário é insistir.

Provada à saciedade a existência de Deus, fica implicitamente provada a existência da alma. Sem ela como poderíamos chegar ao conhecimento do Ente Supremo? Não com o nosso corpo físico, por certo, que não pode sentir, que não pode crer, que não pode relacionar idéas.

Permiti, meus amigos, que repita aqui a definição conceituosa dêsse princípio espiritual indefinível, dado por uma mãe, aproximadamente, do diálogo seguinte, muito conhecido :

— Que é a alma, mamã?

— A alma, meu filho... Eu te digo: — Quando achas que eu tenho razão de te ralhar por alguma maldade, tens pena?

— Muita, mamã,

— E essa pena onde a sentes? E' nos braços?

— Não, mamã!

— E' nas pernas?

— O' mamã, é cá dentro!

— Pois, meu filho, êsse *lá dentro*, é a alma.

— Ora o nosso *cá dentro*, amigos, essa mónada individualizada pelas suas características privativas inconfundíveis — as claridades da razão, o império da vontade, as imposições do sentimento — conjuga essas fôrças interiores que lhe revelam as suas necessidades morais e materiais, para a consecução dum fim único, que é o seu Bem.

Imperecível scentelha da fôrça de que dimana, imortal como ela, é óbvio que, não tendo fim, também não pôde ter começo.

O corolário fatal dêste princípio é a persistência do *eu* numa série de estadios terrenos sucessivos, animando envólucros materiais adaptados às várias fases evolutivas, que, sob a lei do progresso, tem necessariamente de atravessar na sua perpétua palingenésia — através das vidas sucessivas, da pluralidade das existências — pelas veredas do Universo — fases que são verdadeiros pontos de escala destinados a ganhar acesso a postos cada vez mais elevados na hierarquia espiritual, através das constantes reencarnações.

A fôrça criadora que existe no espaço, e que, sob um plano infinitamente

sábio, formou os incontáveis sóis que o povoam, desagregando-lhes das atmosferas a matéria cósmica de que rolou os mundos, fez surgir à superfície desses satélites inumeráveis a planta, o animal, o homem, nos degraus duma escada que todos foram obrigados a subir, e animou-os da **Sua Própria Vida**.

Em cada vida individualizada insuflou uma alma, impondo-lhe a regência do seu progresso evolutivo que, ao atingir no homem o estado de consciência, o eleva por uma imperiosa necessidade íntima de proporcionalidade e de justiça, à realidade inacessível em que êsse ideal reside, causa primordial de todas as coisas.

Assim, a evolução da alma condiciona a evolução do corpo, obrigando êste a diferenciações sucessivas, adaptadas às necessidades crescentes daquela.

Por êste modo se formaram e formarão as diferentes raças e sub-raças humanas, sem que a humanidade deixe por isso de ser um todo indiviso, e sem que as diferentes gerações de homens que se teem sucedido no decurso dos séculos devam deixar de ser consideradas, segundo o profundo pensamento de Pascal, como um só homem, a personagem viva do drama da história, que progride e aprende sempre.

As aspirações gerais da humanidade, como diz Lamartine, «são o que para o navio é a bússola; não vê o pôrto mas conduz a êle».

A identidade de aspirações implica porém a identidade de destino, que por sua vez impõe a solidariedade de todos os homens na realização desse destino, medida pela parte de responsabilidade que nela cada um toma como sêr livre.

Há quasi dois séculos que os destinos foram criteriosamente definidos como — «os resultados passados, presentes e futuros das leis imutáveis e inumeráveis do plano divino sôbre os homens».

Se êles subordinam individual e colectivamente a sua actividade a essas leis, são felizes; se, revoltando-se, entram em luta aberta contra elas, são esmagados entre as engrenagens do potente maquinismo de que não quiseram conhecer o portentoso agenciamento.

Mas a felicidade de um só não pode existir, senão condicionada pela felicidade de todos. A Providência divina não deu preferências a esta ou àquela das suas criaturas, ao delinear o plano do Universo.

O nosso bem é, pois, como acima disse, o bem de todos; o nosso destino, o destino comum: — evoluir indefinidamente na escala da perfectibilidade.

— Mas o meu bem, dirá qualquer criatura ainda integrada num círculo de idéias excêntrico àquêle em que descrevemos a nossa trajectória, ao roçar por êle numa tangência fortuita — o meu bem é o prazer, a satisfação dos meus apetites, o gôzo de todas as comodidades materiais. Não conheço outro. — Que garantia me dás tu, mulher, de que exista êsse que apregoas?

— O desejo veemente de o encontrar — responder-te hei, alma ingénua, parafraseando, para dar o prestígio duma autoridade que não tenho, às afirmações de que duvidas — as palavras dum filósofo universalmente lido e carinhosamente amado no meio espiritualista: — «O desejo da verdade é a sua posse antecipada. Deus não podia ter lançado na alma do homem um gérmen de decepção. Dar-lhe, se o fizesse, a curiosidade da inteligência, seria armar-lhe uma cilada; fazer do mundo do pensamento um deserto embelezado para o atrair pela mistificação da miragem. Deus seria assim a sua própria negação. E' ímpia uma tal hipótese».

Para nós, deístas; portanto abominável — juntarei da minha autoria — mas paradoxal também, o que apeia o intelectual super-homem do altar em que se endeusou por um racionalismo falhado.

Para concluir, meus amigos, que já vai longa a *homília*, permiti ainda que pergunte aos que se preocupam só do bem material, e que portanto receiam o sofrimento: — Acham que valha a pena resgatar por séculos de aprendizagem,

na escola do altruismo e da isenção, o prazer efémero que tenha preterido um dever de humanidade, gozando um dia da sua inteira existência apenas, que talvez nem por completo conte no calendário da eternidade?

Lisboa.

AMÉLIA CARDIA
(médica)

Sôbre a existência de Deus

(Ensaio)

A idéa de Deus é o fulcro de todas as religiões e de todas as filosofias, sem excepção alguma, porque a sua existência é a base de tôda a existência. Para que exista qualquer coisa daquelas que estamos habituados a conhecer, é preciso que a sua substância já existisse anteriormente à sua nova existência, e que alguma coisa provocasse tal modificação. Não podemos portanto encontrar a *Causa primária* dentro do nosso conhecimento directo, e, fora dêle, só por indução a podemos atingir, a não ser que já exista em nós num estado virtual, como intuição íntima. Eu creio que a intuição é uma forma de axioma, reminiscência dum conhecimento anterior atingido quer directa, quer indirectamente, e apresentando-se sob êsse aspecto pela sua natureza inata.

Se não houvesse conhecimentos inatos, certamente não podia haver axiomas. Mas vai uma grande distância dum dogma a um axioma: — o dogma não se discute, para que não se verifique que pode encerrar um princípio falso; o axioma não se discute, porque é uma verdade indiscutível. Porisso o dogma é uma barreira do progresso; e o axioma uma síntese de progressos realizados. E embora haja o preconceito de que um axioma não se demonstra, eu tenho para mim, que pode demonstrar-se indutivamente, porque foi por indução que se criou. Não creio mesmo que exista verdade alguma indemonstrável.

Só assim se explica que se tenha sempre procurado demonstrar a existência de Deus — o supremo axioma da vida. Tudo quanto existe tem que admitir a existência dum poder criador, porque aquilo cuja existência conhecemos, não se podia ter criado só por si; e porisso êsse poder criador, há-de ser diferente de tudo quanto pode estar ao nosso alcance, caindo no círculo estreito da nossa relatividade objectiva. Se a idéa de Deus fôsse qualquer outra, sem ser a que decorre dêste enunciado, vago, como não pode deixar de ser, ela não representaria a *Causa primária*, e permaneciam então as dificuldades causais, que sugere a existência do *contingente*. Assim, de dedução em dedução, remontando do efeito à causa na infinita cadeia dos fenómenos, deslocamos apenas as dificuldades para um ponto mais remoto, mas mais incerto, sem as resolvermos. Somos portanto induzidos a aceitar a existência dum *Criador increado* — o « *primum movens immobile* » — do aristotelismo — de cujo poder criador não podemos duvidar, porque temos bem patente a sua Obra, e cuja origem e natureza não podemos perscrutar, exactamente por ser diferente de tudo quanto humanamente podemos conhecer. O que nos leva principalmente à necessidade da existência de Deus, é a impossibilidade de explicar o *contingente* por si mesmo: e porisso, a idéa de Deus, há-de exprimir alguma coisa de incontingente, que só a noção de Absoluto pode traduzir. O homem encontra na Natureza a *substância* e a *forma* e sôbre elas actua limitando-se a modificá-las. E assim, o papel do homem é descobrir e modificar, enquanto o papel de Deus é criar e manter. O *Relativo* vive no espaço e no tempo; no *Absoluto* não há espaço nem tempo. E se

o Relativo jãmais pode atingir o absoluto, pode contudo aproximar-se d'êle, indefinidamente, pela sua mais nítida compreensão. A idéa de Deus vive em todos os actos da humanidade, porque existe inata na alma humana onde se revela e brilha sempre sem que o homem a possa eliminar. Era como se uma criança, collocada no campo dum espelho, quisesse negar a sua própria existência, e fechasse os olhos, julgando apagar assim a imagem reflectida: — o espelho imperturbável continuava a reflecti-la. Porisso, até os que se dizem ateus, são crentes, porque existem, e o simples facto de existir, implica, pelo menos, implicitamente, a idéa dum poder Criador. Os homens estão habituados a empregarem o seu dialecto próprio e a não quererem usar dos dialectos alheios, porque não comprehendem, ou não querem compreender, (o que é pior ainda), que êles traduzem todos as mesmas coisas. E enquanto assim fizerem nunca se podem entender, porque não sabem traduzir as palavras dum dialecto diferente para o seu. E' a fórmula ritualesca dos preconceitos que os divide; é o frágil véu das palavras que os separa! O scepticismo pirrónico — a verdadeira manifestação pessimista — é também inconsistente com o seu desdém, porque aqueles que têm a pretensão de duvidar de tudo, não duvidam da sua dúvida. E desde que exista um só elemento de certeza, existe Deus necessariamente. Não é modificando a idéa de Deus que ela se elimina, e porisso, as doutrinas negativistas, não podem nunca triunfar com os seus sofismas. A idéa que possuímos de Deus, é a resultante lógica das suas manifestações, e êsses determinantes da sua *existência necessária*, existem independentemente da concepção humana de divindade. Para se eliminar Deus, portanto, não basta destruir a idéa que fazemos d'êle — admitindo que essa idéa podia ser destruída e não apenas modificada — mas destruir a necessidade indestrutível da sua existência, pela destruição completa de todas as causas segundas. E bastaria o facto de se conseguir essa destruição, para se revelar Deus naquelle que o conseguisse. Era uma questão de sinal.

Os cientistas que procuram negar a existência de Deus, esquecem-se de que, se êle não existisse, não podia haver sciência, porque não haveria um plano preestabelecido que encadeasse as causas e os efeitos ordenada e continuamente, permitindo deduzir, induzir e reproduzir.

Em vez de equilíbrio e harmonia, havia apenas qualquer coisa que nem podemos vislumbrar o que fôsse, como não podemos vislumbrar o que não existe. A observação e a experiência não conduziriam a resultado algum.

O « *acaso* » é o eterno fantasma da ignorância das causas, porque é uma expressão simbólica do *desconhecido*; e o desconhecido não podia ter sido criado por quem o desconhece. A existência do desconhecido é uma prova clara da existência de Deus, ou, pelo menos, dum poder superior a nós que o produziu. O *argumento ontológico*, provando a existência de Deus pelo facto de ser concebido, é, a nosso ver, a prova mais intelectual, mais bela e mais profunda que jãmais o homem produziu. Para nós tudo o que existe de concreto é a manifestação dum princípio abstracto, a expressão duma idéa geral que absorve em síntese um conjunto de idéas especiais: e assim, o Universo na sua totalidade, é a manifestação de Deus, a expressão da *Idéa Integral*. Foi sempre do estudo da Natureza que o homem subiu à concepção de Deus, que varia, logicamente, com o seu grau de conhecimento: — é o estudo da causa pelos seus efeitos.

Quanto melhor conhecermos a Natureza, tanto mais nítida e precisa será a concepção de Deus, porque à medida que subimos, os horizontes vão sendo cada vez mais amplos e mais profundos, permitindo assimilar uma idéa mais elevada e mais próxima daquella que o traduz na sua integridade. Ao homem primitivo, todos os fenómenos se apresentavam com um carácter de independência, como que isolados, (desconhecendo as leis que os regem e encadeiam,) o que o levou ao politeísmo, para explicar, por princípios inteligentes, a causalidade primitiva, necessária.

Mas, enquanto se atribuiu apenas ao princípio feminino, a faculdade espontânea de gerar novos seres, Deus, era o *princípio feminino criador*; a mulher ocupava então um lugar proeminente na família, e tinha direitos especiais, superiores aos do homem, que lhe prestava humilde vassalagem. O regime civil era o *matriarcado*. Foi só mais tarde que o homem reconheceu o papel fecundante do princípio masculino e formulou assim uma concepção dualista de Deus que atribuiu a dois princípios, de sexos diferentes, a criação, ainda por analogia, com o que observava correntemente.

Desde então, a mulher ocupou um lugar secundário, porque o princípio feminino foi também considerado secundário. Ele era a substância caótica, inerte e passiva, a noite do *Silêncio* e do *Não-sêr*, que o princípio masculino activo e superior fecundara com a seiva da vida, produzindo o primeiro fenómeno — a *Luz*. Foi esta hipótese que os Atlantes espalharam pelo mundo antigo, servindo de fundamento às religiões da antiguidade, tomando as *modalidades mais variadas*, desde o dualismo *mazdeiano* que assim procura resolver o problema do mal, (resolvido mais fácil e logicamente pelos arianos com a teoria das vidas sucessivas,) ao dualismo *gnóstico* e *maniqueísta*, e transparecendo ainda hoje nas religiões e filosofias que ali se foram inspirar. O monoteísmo começou verdadeiramente, quando essas duas divindades se fundiram numa só, hermafrodita, como o Mithra — Mithras do *mazdeísmo*, que resultou da fusão das antigas crenças da Pérsia com as concepções arianas.

* * *

A negação de Deus, corresponde à negação de tudo quanto faz parte do nosso conhecimento e até dêle próprio. As doutrinas negativistas tem sido o maior flagelo da humanidade que não pode triunfar na Vida enquanto a estrêla polar da esperança se encobrir num Céu caliginoso de descrença.

São elas que avolumam o mal, reduzindo a vida aos horizontes estreitos duma animalidade efémera, sujeitando-a a um determinismo cego, a um fatalismo irreduzível, que enfraquecem todas as energias num desalento invencível e torturante, dissolvendo o sentimento do livre-arbítrio e conseqüentemente da responsabilidade, apagando o anseio de justiça e destruindo a aspiração do Bem. São elas que alimentam o egoísmo desvairado e a dissolução moral do nosso tempo em que o homem é rival do homem, numa luta de ambições encarniçada e feroz. E enquanto os que dominam se julgam deuses, os outros sentem-se escravos!

A história da humanidade mostra bem que os períodos de maior decadência, coincidem sempre com as épocas de máxima descrença.

ANTÓNIO L. VILELA

Pedimos a todas as pessoas que receberem esta revista e não desejem assiná-la, a fineza de devolverem este número à redacção com a possível brevidade.

A ALMA HUMANA

(NEO-PSIQUISMO EXPERIMENTAL)

I

A alma já não é, perante o pensamento contemporâneo, nem *a sombra trágica* de Homero, nem o *hóspede misterioso* da glândula pineal de Descartes. Tudo se moderniza, e a alma também...

A alma humana deixou de ser um mito, uma ficção, um mero conceito abstracto, para entrar no domínio da realidade objectiva e experimental através das suas aparições e das suas dissociações astrais, dos seus desdobramentos e bilocações, das suas manifestações ectoplásmicas e teleplásmicas, fenómenos irreductíveis à *decantada* teoria das alucinações, por estar comprovada a sua realidade objectiva, quer pela fotografia, quer por variados processos físico-químicos.

Os métodos introspectivo e escolástico, clássicos na velha filosofia, fizeram da alma humana um joguete dos mais ilógicos e abstrusos conceitos metafísicos, considerando-a um todo homogéneo, não diferenciando nitidamente o perispírito do espírito no seu mecanismo e acção, só sabendo extrair-lhe, mais ou menos hipoteticamente, as três faculdades fundamentais clássicas: sensibilidade, inteligência e vontade.

Foi necessário que o hipnomagnetismo avançasse na sua força consciente e indómita, indiferente aos sarcasmos dos ignaros e à excomunhão da ciência catedrática, para que fôsem explorados es escaninhos mais recônditos da alma humana e dissociadas analiticamente as suas diversas camadas concêntricas.

A anatomo-fisiologia da alma humana é hoje um facto laboratorial em via de realização, orientada no método positivo e experimental.

O magnetismo, renegado aprioristicamente pela ciência oficial, foi a espada de Alexandre que cortou o nó górdio que enlaçava a alma ao corpo físico, desarticulando-a, projectando-a à luz da análise directa, para assim disseccionar as suas partes constitutivas e investigar da sua natureza e do seu mecanismo íntimo.

Este novo experimentalismo pertence ao nosso século, e, se muito está feito, muito mais há a fazer; no entanto está transposto o Rubicon anímico e grandes vias estão abertas a todos os investigadores do neo-psiquismo experimental.

Os trabalhos experimentais espiritistas, dando todo o relêvo a uma fenomenologia variada, complexa e transcendente, baseada no dinamismo anímico e na dissociação dos elementos constitutivos do homem, muito concorreram para desvendar a misteriosa composição e mecanismo da alma humana.

E' dentro do estudo experimental dêsse perturbante dinamismo anímico e metapsíquico que o Espiritismo dá o golpe de misericórdia no materialismo, sejam quais forem as explicações capciosas ou as subtilzas ilógicas com que pretendam falsificar e desvirtuar a natureza e origem do experimentalismo espiritista, desde a telekinésia à telepsiquia, desde a materialização do *fantasma* dos vivos à formação ectoplásmica dos desencarnados, imprópriamente chamados mortos.

Os factos, na sua rigidez granítica, desafiam o espaço e o tempo, e um

conjunto de factos, quando bem sistematizados e observados, vale incomparavelmente mais do que as teorias mais bem architectadas.

Os factos revivem na continuidade do tempo, sendo os coveiros de todas as teorias que não satisfaçam à sua essência íntima, expressa na sua causalidade, mecanismo e finalidade.

O espiritismo no seu duplo ponto de vista: estático e dinâmico, não estuda apenas a alma humana nas suas potencialidades e polimorfismo. Vai mais longe ainda, estudando a alma dos desincarnados nas suas complexas modalidades, estabelecendo por variados processos medianímicos as mais estreitas e íntimas relações espirituais entre o mundo físico visível e esse feérico mundo hiperfísico, invisível aos nossos limitados e falazes sentidos orgânicos radiantes de promessas e de esperanças ilimitadas e misteriais que à sciência compete observar e desvendar — *desocultando o occulto* — como diz o sábio professor Grasset.

* * *

A classificação dos elementos essenciais constitutivos do sêr humano varia nas diversas correntes esotéricas, através das escolas esotéricas do oriente e do ocidente, sendo, respectivamente, de três, cinco, sete e nove princípios fundamentais.

São clássicos o ternário espiritista e o setenário teosófico, hermético e rosacruz, como representantes das mais fortes correntes neo-espiritualistas contemporâneas.

O ternário, adoptado pelo espiritismo, impõe-se pela sua natural clareza e simplicidade.

A' face do espiritismo, o sêr humano é constituído por três elementos essenciais e diferenciados, com natureza, organização, estrutura, função e finalidade distintas, interpenetrando-se mutuamente sem perderem a sua autonomia, formados de matéria sucessivamente rarefeita e subtilizada, constituindo um sistema solidário e harmónico:

- 1.º — **Corpo físico** — sarcosoma
- 2.º — **Perispírito** — alma, aerosoma
- 3.º — **Espírito** — scintilla divina, mónada

O corpo físico, único elemento visível normalmente, é formado pela matéria planetária mais grosseira, sendo constituído por órgãos, aparelhos e sistemas, tendo por unidade fundamental — a célula — nas suas máximas modalidades e diferenciações, pertencendo o seu estudo à anatomia, histologia e fisiologia clássicas.

O corpo físico, representativo da forma inferior da evolução — a evolução morfológica ou da forma — contrastando com a modalidade superior da evolução — a evolução da vida ou anímica, — é o elemento de somenos importância, transitório e de duração efémera, sede da vida vegetativa e orgânica, automáticas e inconscientes por hábitos ancestrais inveterados e multimilenários, produto dum atavismo quási todo *individual*, mero e passivo instrumento da evolução da alma na vida de relação terrestre, de que o espírito é o agente e motor nas suas complexas e ilimitadas virtualidades.

O perispírito ou alma humana, indevidamente denominado, por vezes, corpo etérico e geralmente designado por corpo astral, é constituído por camadas concêntricas de matéria hiperfísica, sucessivamente menos condensadas e mais quintessenciadas, policromas, de volume e diâmetros variáveis, servindo de traço de união — *mediador plástico* — entre o corpo físico e o espírito, mantendo entre estes dois elementos simplesmente relações de contigüidade, reco-

lhendo sensações e transmitindo ordens através das suas *almas secundárias* por intermédio de vibrações fluídicas, de que o corpo físico é apenas um instrumento secundário e passivo, só necessário nas nossas etapas terrestres, através dos ciclos das reencarnações evolutivas e kármicas.

O espírito, na sua mais alta expressão, é irreduzível a uma banal definição por desconhecermos a sua natureza íntima, inacessível à nossa análise directa.

Consideramos, no entanto, o espírito como a parte nobre e divina da nossa individualidade, imutável, imortal, triunfando do espaço e do tempo, actuando na purificação e progresso da alma que o reveste e corporiza, através da qual vai dinamizando as potencialidades que contém em gérmen, que poderemos talvez esquematizar como um centro de forças latentes expandindo-se e radicando-se nas camadas da alma ou perispírito, onde imperam sobretudo a força-vontade, a força-pensamento e a consciência moral, com um abstracto de matéria hiperfísica, elevada ao máximo grau de quintessenciação.

Não temos a estulta pretensão de definir o espírito na sua misteriosa origem e essência, nem mesmo no seu complexo dinamismo: — gérmen divino, secreto laboratório das forças espirituais que constituem as nossas individualidades em todo o seu transcendente domínio de operatividade; — núcleo de energias formidáveis, trazendo em potencial toda a razão de ser da nossa evolução através do infinito e da eternidade; — scintilha divina que nos impulsiona através das sinuosidades das nossas curvas evolutivas, para esses páramos de Luz onde ainda veladamente vislumbramos o Bem, o Belo, a Verdade.

* * *

Em todo o Universo só existe uma realidade — o espírito — e duas aparências — *fôrça e matéria* — que, em última análise, se reduzem a uma só — *energia*. A matéria é energia concentrada, como a energia é a matéria liberada.

O espírito é o árbitro da verdadeira evolução — a evolução da vida — que é apenas a sua eflorescência pela sucessiva e gradual realização das suas virtualidades germinativas, enquanto a matéria representa apenas a evolução da forma perecível e transitória, instrumento passivo da manifestação da vida.

A vida, quer no seu aspecto físico-químico, quer nos seus aspectos psíquicos — mental, emocional e moral — através dos seus inúmeros e complexos estados de consciência, reduz-se em todas as suas múltiplas e transcendentas modalidades, num pandinamismo solidariamente universal, apenas a vibrações cuja altura e intensidade variam ao infinito, desde o microcosmo ao macrocosmo.

A ciência oficial conhece apenas um limitado número de estados da matéria.

Os nossos sentidos físicos não vão além dos três estados clássicos: sólido, líquido e gasoso.

As memoráveis experiências sobre a dissociação da matéria e da radioactividade confirmam o conceito do espiritismo sobre a unidade da matéria.

A matéria cósmica ou fluido inter-estelar é talvez o ponto de partida e de chegada das condensações, expansões e dissociações de todos os corpos da natureza, regressando pela sua dissociação multimilenária ao seu estado inicial, ultimando assim o seu ciclo involutivo, (arco descendente), e evolutivo, (arco ascendente) nos turbilhões pandinâmicos do Universo.

O estado radiante, descoberto pelo sábio Wiliam Crookes, a quem o espiritismo tanto deve, abre á ciência uma ampla via de possibilidades nos domínios dos fluidos, radiações e emanações, que nos deixa antever a criação duma nova ciência — a *hiperfísica* — assombrosa nas suas manifestações de energia e de actividade, dominando as forças físico-químicas clássicas num novo dinamismo, cuja energia e resistência será proporcional à rarefacção fluídica, à quin-

tessenciação da matéria onde a energia liberada atingirá os paroxismos do imprevisto.

Assim como a física clássica domina o mundo visível e irreal da forma, a hiper-física saberá conquistar o mundo invisível e real da idéia, enunciando as leis que regem o mecanismo da alma humana, desde a força indómita da vontade até à força vibratória do pensamento, desde a febricitante imaginação criadora até à fixidez rígida da memória, desde a explosão do ódio à expansão do altruísmo, nesse dédalo inextrincável e complexo dos estados de consciência através dos planos emocional, mental e moral.

O espiritismo, na sua fenomenologia transcendentalíssima, abriu à ciência horizontes ignorados e vastíssimos, descerrando-lhe as portas dum novo mundo irreduzível ao microscópio e telescópio que marcam os estreitos limites da ciência clássica contemporânea.

* * *

O ternário humano — corpo físico, perispírito e espírito — são constituídos por matéria na sua mais elevada diferenciação, desde a matéria grosseira do nosso corpo físico até à matéria subtilizada do espírito, que deve atingir logicamente a sua máxima quintessenciação.

Distanciados por natureza o corpo físico e o espírito, é ao perispírito que compete estreitar estes limites através das suas camadas de densidades sucessivamente decrescentes, cada vez mais eterizadas à medida que se elevam para o espírito, pois seria ilógico admitir a homogeneidade do perispírito. Só pela interpenetração das camadas mais fluídicas nas menos fluídicas se pode compreender a correlação e harmonia do ser humano, a solidariedade íntima e estreita dos componentes do seu ternário, conservando todos êles a autonomia que lhes é própria, estando os elementos inferiores numa inter-dependência subalterna, regidos pela *lei do ritmo vibratório*.

O homem na situação de incarnado está acorrentado à Terra pela grilheta do seu corpo físico, mas mantém o contacto com o mundo astral por intermédio dos corpos fluídicos do seu perispírito, transpondo o abismo que separa o mundo visível dos mundos invisíveis, estabelecendo a ponte que vai da matéria terrestre, tangível, dominada pelos nossos limitados sentidos físicos, à matéria intangível fluídica, que pertence ao domínio dos espaços siderais e só visível aos nossos sentidos astrais, de natureza hiper-física.

* * *

O *perispírito* foi assim denominado por Allan Kardec, em consequência de o considerar como envólucro do espírito, que como corporiza.

Paracelso, (1527), que soube extrair da alquimia os elementos genésicos da química moderna, deu-lhe o nome de *evestrum* ou melhor de *corpo astral*, baseado na sua cor prateada e luminosidade própria e ainda nas influências planetárias, considerando-o formado de substância estelar.

Pythágoras deu-lhe o nome sugestivo de *carne subtil da alma*.

Aristóteles denomina-o *corpo subtil e etéreo*.

Leibnitz teve a intuição da sua existência, designando-o por *corpo fluídico*.

M. Maspero considera-o como um *corpo aéreo*, reprodução exacta do corpo físico.

Lepagne Renour designa-o, concisa e incisivamente — o *duplo*.

Para os antigos hebreus é o *nepesch*, levando no seu íntimo o sôpro divino e seguindo-o em todas as suas vidas.

Os gregos denominavam-o *eidôlon*, aparecendo fantasmaticamente nas evocações das suas pitonisas e habitando no Achéron.

Para os neo-platônicos da Escola de Alexandria era o *angoéidê* ou *astroéidê* por apresentar o brilho dos astros.

Os hierofantes egípcios designavam-o por *ka* ou *duplo*.

Alguns povos orientais consideram o perispírito como um corpo ténue e etéreo, sendo por seu intermédio que os *mortos* se manifestam nas materializações, relatadas em profusão, quer na história sagrada, quer na história profana.

Várias escolas ocultistas lhe tem dado o nome de *múmia*, *arqueu*, *enormon*, etc.

Os experimentadores contemporâneos designam o perispírito debaixo do nome de *aerosoma*.

O catolicismo e as seitas que d'ele derivaram, immobilizaram-se comodamente num binário ilógico, admitindo no sêr humano apenas o corpo físico e a alma ou espírito, sendo estas duas últimas denominações absolutamente sinónimas, o que representa um erro crasso. Em 1922 os reverendos Mainage em Paris e Coubé em Génova trovejavam do púlpito contra o perispírito os mais irritantes e estultos anátemas.

O ensino *oficial* do catolicismo e do protestantismo há muitos séculos perdeu a noção dum corpo fluídico intermediário entre o corpo físico e o espírito. Mas não foi assim na primitividade áurea do Cristianismo.

S. Paulo, para a sua época, indiscutivelmente, o mais culto prosélito de Cristo, é categórico na sua I Epístola aos Thessalonicenses, (cap. V vers. 23), admitindo para o sêr humano: — o espírito (*pneuma*), a alma (*psyché*) e o corpo (*soma*).

Orígenes, (século II), considera o espírito envolvido num corpo vaporoso — *aura* — porque, na sua opinião, o termo *imaterial* não tem representação possível.

Tertuliano, (sec. III), « De animâ, VII-IX, » diz: « a corporalidade da alma, (isto é, a alma vital, *psyché* — e não o espírito, *pneuma*), é manifesta no Evangelho, porque se a alma não tivesse um corpo, a alma não poderia ser a imagem do corpo. E no « De Carne Chr. VI » diz ainda: « Os anjos têm um corpo que lhes é próprio, podendo transfigurar-se em carne humana; elles podem, por um certo tempo, fazer-se ver aos homens e comunicar visivelmente com elles. »

S.^{to} Hilário de Poitiers, (sec. IV), no « Canon 5, in Matth », diz: — « Não existe cousa alguma na substância e na criação, seja no céu, seja na terra, seja entre as cousas visíveis, seja entre as *invisíveis*, que não seja *corporal*. Mesmo as almas, seja durante a vida, seja depois da morte, conservam alguma substância corporal, porque é necessário que tudo o que é criado *seja em alguma cousa*. »

S. Basílio de Cesarêa (sec. IV) no « Liv. de S. Espr. XVI », diz: « As almas celestes mostram-se a todos aqueles que são dignos na imagem do seu próprio corpo. »

S. Cirilo de Jerusalém (sec. IV) « Cat. XII, 14-Cat. XVI, etc. » diz: « as almas dos defuntos têm corpos mais subtis que os corpos terrestres. O nome de *espírito* é genérico e comum: designa-se por espírito tudo o que não tem um corpo *espesso e pesado*. »

Todos os mais eminentes Padres da Igreja dos primeiros séculos do Cristianismo tinham a nítida compreensão do ternário humano: no século IV — Ambrósio, « Abraham, II, 58 », Gregório de Nazianza; no século V — Cirilo de Alexandria, « In Joann. L. VI, » S.^{to} Agostinho, « Op. Ed. bened II, ep 14 e 158 », etc.

Basílio, Atanázio, Methodius, Justino, Minutius Felix, Fulgêncio, Arnóbio e muitos outros luminares da primitividade cristã não consideravam o espírito como absolutamente imaterial, admitindo todos elles o ternário humano: espírito (*pneuma*), uma alma vital com a aparência dum corpo fluídico (*psyché*) e um corpo físico carnal (*soma*).

Ainda no sec. XVIII, no segundo Concílio de Nicêa, João de Tessalónica de

clara: «Os anjos, os arcanjos e *também as almas* são, na verdade, espirituais, mas não completamente privados de corpos. São dotados dum corpo ténue, aéreo, ígneo».

Nos últimos doze séculos a Igreja Romana, para fins inconfessáveis, procurando incutir um obscurantismo ardiloso para fundamentar os seus abstrusos dogmas e melhor dominar as consciências adentro duma crassa ignorância, reneçou o ternário humano das gloriosas idades primitivas do Cristianismo, para se petrificar num binário insustentável, confundindo astuta e grosseiramente, o espírito com a alma imaterial, para, assim mais facilmente, fazer desaparecer o ensino de Cristo sobre o reincarnacionismo ou vidas sucessivas que daria o golpe de misericórdia sobre o poder espiritual da Igreja, em especial, na graça, predestinação, indulgências, etc., etc., pingues fontes de oblatas que tem abarrotado as arcas do Vaticano.

* * *

O Dr. Encausse, escritor e experimentador ocultista de renome mundial, mais conhecido pelo criptónimo de Papus, apresenta uma imagem frisante, ainda que grosseira, para fazer sobressair o papel de mediador plástico que compete ao perispírito ou corpo astral: a água e o azeite são imescíveis, porém, se lhes juntarmos carbonato de sódio, obteremos um sabão homogéneo. Assim também o corpo físico e o espírito, dois elementos altamente diferenciados e irreduzíveis, transformar-se hão num bloco harmónico por intermédio do corpo astral que os une em perfeita e íntima solidariedade.

O Dr. Encausse, que foi um médico distinto dos Hospitais de Paris e que tanto contribuiu pela vulgarização das suas obras para a renascença neo-espiritualista contemporânea, dá ainda outra sugestiva comparação: — o homem é comparado a uma equipagem, sendo o carro representado pelo corpo físico, o cavalo pelo corpo astral ou perispírito e o cocheiro pelo espírito. O carro pela sua natureza grosseiramente material e ainda pela sua inércia corresponde bem ao nosso corpo físico. O cocheiro dirige e orienta a direcção e velocidade da equipagem pelas rédeas de govêrno sem participar da tracção directa — é a função do espírito.

Finalmente, o cavalo, unido pelos tirantes ao carro (sistema nervoso), e pelas rédeas ao cocheiro (sentidos astrais), move todo o sistema sem participar da direcção — é a função do perispírito.

Estas comparações são engenhosas, mas não são um primor de exactidão.

Paracelso teve a nítida compreensão da trindade na unidade hominal, quando dizia: — O homem é uno em pessoa, mas triplo na essência. E', em última análise, o que Papus denomina a unidade na trindade, e o General Fix expressa no seguinte conceito: — o espírito quere, o perispírito transmite e o corpo físico executa.

A-pesar-desta encantadora e sugestiva simplicidade de autores consagrados, que registamos como um preito de homenagem às idéas clássicas ainda correntes, a verdade é que a constituição e o dinamismo dos elementos do ser humano são, incomparavelmente, mais complexos e vastos, como demonstraremos em artigos subseqüentes, ao relatarmos as recentes experiências de Lefranc, Charles Lancelin e doutros metapsiquistas relativas à anatomia e fisiologia da alma humana.

Continua.

ANTÓNIO J. FREIRE

AOS ESPÍRITAS PORTUGUESES

Os objectivos vastos e complexos da Federação Espírita Portuguesa, expressos nitidamente nos seus Estatutos, publicados integralmente no presente número desta revista, só podem ter uma realização prática, se todos nós nos compenetrarmos do inadiável dever de nos unirmos fraternalmente, numa íntima e estreita cooperação moral, intelectual e financeira, para assim vencermos as dificuldades com que, certamente, depararemos nesta cruzada de regeneração social — «levando a Luz aos cegos que conduzem cegos».

A Organização Espírita Portuguesa está por fazer, sendo necessário que se faça com a possível brevidade, para se poder efectivar um trabalho de propaganda intensiva e profícua e o seu natural núcleo de atracção e de orientação é, lógica e evidentemente, a Federação Espírita Portuguesa, mercê dos altos valores morais e intelectuais que nela se integraram, rompendo com inveterados preconceitos sociais, sacrificando até legítimos interesses pessoais, num nobre e invulgar gesto de coerência moral e de plena confraternização, a que todos nós devemos prestar a devida homenagem.

A Família Espírita Portuguesa é já numerosa, tanto em Portugal continental, como nas Ilhas Adjacentes e mesmo nas Colónias, como ficou plenamente comprovado no 1.º Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa nos dias 15, 16, 17 e 18 de Maio de 1925, cujo brilhantismo, de que se soube revestir, mereceu as mais encomiásticas e justas referências da imprensa diária da capital.

A todos os nossos Confrades Portugueses pedimos encarecidamente enviarem todos os seus melhores esforços no sentido de elegerem, com a possível brevidade, as Comissões Federativas de Propaganda Espírita concelhias, em harmonia com as instruções do Conselho Superior Deliberativo que transcrevemos extualmente:

« O Conselho Superior Deliberativo, na sua sessão ordinária de três de Setembro p. p., determinou por unanimidade de votos, que a organização federativa dos Espíritas Portugueses tivesse por base os concelhos administrativos, para a Província e Ilhas Adjacentes.

Neste sentido, todos os Espíritas de cada concelho que desejem federar-se, devem reunir-se, a-fim-de elegerem uma Comissão de três a onze membros, que será denominada Comissão Federativa de Propaganda Espírita, cujo Presidente e Vice-presidente eleitos serão, respectivamente, o Delegado e Sub-delegado concelhios da Federação Espírita Portuguesa.

Esta organização não impede que os Centros ou Grupos Espíritas, dos diferentes concelhos, legalmente organizados, se federem colectivamente, em harmonia com o Capítulo III dos Estatutos da Federação Espírita Portuguesa.

Para todas as Colónias Portuguesas, onde preside diversidade de critério nas divisões administrativas, os Espíritas aí residentes escolherão a forma mais prática de elegerem as Comissões Federativas de Propaganda Espírita, orientando a eleição nos mesmos moldes e localizando-a dentro das respectivas divisões administrativas, sempre que seja possível.

Será desnecessário encarecer a necessidade urgente de todos os Espíritas Portugueses se organizarem e federarem, para, assim, numa união de íntima confraternização, trabalharmos harmónicamente, para a propaganda do nosso Ideal e para a realização dos objectivos expressos nos Estatutos da Federação Espírita Portuguesa ».

Só a união faz a força.

Pe' A Direcção da Federação Espírita Portuguesa

O Presidente — A. A. MARTINS VELHO

FACTOS SUPRANORMAIS

Um caso de Telepatia

(Sonho premonitório)

Quem não acreditar na telepatia mental, deve achar interessante a seguinte narrativa, cuja veracidade garantimos, escreve o Correspondente do *N. C. Daily News*, de Cantão (China).

Em 8 de Junho p. p. publicaram os jornais ingleses o seguinte telegrama :
« *Hongkong, 7 de Junho — Foi encontrado no rio o corpo do sr. J. M. Philips, gerente da The Asiatic Petroleum Company, em Nanning. O sr. Philips fôra aprisionado pelos bandidos chineses a semana passada, perto de Taiping, a 70 milhas a montante do rio.* »

Cêrca duma semana antes desta data, o pai do sr. Philips tinha ido ao escritório daquela Companhia, em Londres, indagar se tinham recebido alguma notícia de seu filho. Em resposta disseram-lhe que não tinham notícia alguma, portanto devia passar sem novidade.

Mas como o sr. Philips, pai, insistisse, perguntaram-lhe a razão da sua insistência e das suas apreensões.

Contou, então, que tinha tido um sonho vívido, em que via seu filho ser assassinado a tiro e arremessado à água, sendo tão forte e constante esta impressão que o levou a vir ao escritório da Companhia indagar se teria acontecido alguma coisa de anormal.

Embora empregassem todos os esforços para o tranqüilizar, o sr. Philips retirou-se insatisfeito e inquieto.

Só alguns dias depois o telegrama transcrito era publicado nos jornais londrinos e o representante da Companhia Asiática de Petróleo, em Londres, recebia igual comunicação telegráfica, só então informando o pai da vítima.

Tudo leva a crer que êste sonho foi anterior ao facto realizado e, sendo assim, deve ser classificado dentro da vastíssima e complexa secção da *criptes-tésia* (C. Richet), ou, melhor ainda, da *metagnomia* (E. Boirac), sem prejuízo do excelente termo de *telepatia*, criado pelo ilustre Fr. Myers, termos, mais ou menos, equivalentes e que, em última análise, tem a significação comum — « conhecimento de factos realizados além dos que podemos conhecer normalmente pelos nossos sentidos físicos ; numa palavra : conhecimento *supranormal* ».

Não obstante os anais de espiritismo e de metapsíquica estarem repletos de casos dêste género, o caso que relatamos impõe-se pela facilidade na verificação da sua certeza.

O materialismo, sejam quais forem as subtilezas de que lance mão, é impotente para explicar racionalmente a natureza íntima e o mecanismo desta categoria de fenómenos transcendentais, de tão fácil compreensão para os espíritas e para todas as correntes neo-espiritualistas.

Uma Materialização Oportuna

(Ectoplasmia)

O facto deu-se em S. Paulo, uma das mais florescentes cidades do Brasil, tendo sido protagonistas pessoas de tóda a respeitabilidade, bem conhecidas na sociedade paulistana, onde produziu profunda sensação.

Este acontecimento vem relatado no diário brasileiro *O Jornal*, de 24 de Março p. p., donde o vamos transcrever textualmente, sem comentários, a-pesar-da raridade de fenómenos desta natureza em circunstâncias tão especiais, num completo *à vontade* dos circunstantes.

«Estando em S. Paulo o sr. Carlos Mirabelli, na semana passada, acompanhado de seus amigos, dr. Oswaldo Ribeiro Gomes, dr. Toledo de Queirós e coronel Henriques de Meneses, dirigiram-se em visita a casa do dr. Francisco Rezende, materialista intransigente. Lá chegados, a conversa foi iniciada, sendo o assunto os últimos fenómenos espíritas.

O dr. Rezende mostrando-se intransigente na crença de tais fenómenos, declarou: — «Tenho um irmão falecido há cerca de 30 anos, ao qual devotara grande veneração; pois bem, se esse irmão me aparecesse, eu então seria capaz de acreditar no espiritismo.»

No mesmo momento em que estas palavras acabavam de ser pronunciadas, os quatro presentes começaram a notar no médium Mirabelli uma grande transformação. Além de uma grande indisposição súbita, começaram uns suores frios e o médium entrou a empalidecer, acabando por cair prostrado e em transe numa cadeira, respirando com dificuldade.

Imediatamente, a vista dos presentes começou a atentar sôbre um ténue fumo que, pouco a pouco, foi-se condensando e tomando vulto, até se representar com forma humana palpável, como um sêr vivente. Encaminhando-se para o dr. Rezende disse-lhe: «Você há mais de trinta anos nega o espiritismo e, portanto, a mim mesmo».

Ditas estas palavras com voz sonora ouvida por todos, notaram que o dr. Rezende desfalecia sob a acção de uma forte emoção.

Um dos presentes, médico, dr. Oswaldo Ribeiro Gomes, muito conhecido e conceituado, para autenticar esta materialização do irmão do dr. Rezende, aproximou-se, tomando-lhe o pulso, perscrutando a respiração. Notou que efectivamente existiam como no corpo humano, estes dois detalhes importantes da vitalidade.

Depois disto feito, e continuando o médium em transe, assim como em completa inacção o dr. Rezende, o espírito voltou a falar e disse: «Para uma maior autenticação da minha presença aqui, aos poucos irei desaparecendo». E assim foi. Pouco a pouco foi-se dissipando aquela massa e diminuindo cada vez mais, até se tornar novamente como uma fumaça em dissolução, desaparecendo totalmente num pequeno ponto do teto o resto daquela materialização.

O médium voltou a si e o dr. Rezende, surpreso e impressionado, refeito do fortíssimo abalo sofrido, declarou aos presentes que vira seu irmão em pessoa e diante de tão formidável argumento, nada mais tinha a fazer do que cair com todas as suas razões materialistas. Deve-se notar que, tanto o dr. Rezende como os outros, já se tinham dirigido à sede da Academia, por diversas vezes, sem conseguirem ver nada, e, a-final, depois de tanta expectativa, em sua própria casa foi o dr. Rezende testemunha de tão importante facto».

REVISTA DAS REVISTAS

MATERIALISMO = POSITIVISMO

ESPIRITUALISMO

E' duma evidência flagrante, que só podemos marcar a linha de conduta da humanidade, e definir as melhores atitudes sociais, depois de determinada pela ciência e pela filosofia, a finalidade humana.

Sem pretendermos fazer uma profunda investigação filosófica, nem tão pouco erudição científica, analizaremos em rápido exame, o que de melhor e mais definido nos oferece o pensamento contemporâneo.

Mais ou menos artificialmente, podemos reduzir todas as escolas filosóficas, perante a nossa orientação deísta, às três clássicas: **materialismo**, **positivismo** e **espiritualismo**, tendo as suas raízes básicas no pensamento profundo e brilhante dessa formosa civilização helénica, sendo, a seu turno, o ponto de partida para as inúmeras construções filosóficas, que pululam aos cardumes no pensamento contemporâneo, a maior parte de duração efémera e transitória, e de organização insubsistente.

* * *

O materialismo, que fez moda nos dois últimos séculos, agoniza na esquina viva do último reduto da sua fortaleza de descrença, de negação e de ateísmo, batido no âmago dos seus caboucos mais profundos pelos golpes implacáveis da neo-psicologia experimental, nos domínios do dinamismo anímico, fazendo ressaltar a alma humana das concepções abstractas e metafísicas para o campo da realidade e da observação directa.

Na destrambelhada vesânia de demolição, o materialismo pretendeu, malévola e ignaramente, fazer incidir na matéria bruta e passiva a causa da Harmonia Universal, desde o macrocosmo ao microcosmo, confundindo, grosseira e ilógicamente, a matéria prima com o artífice, a máquina com o maquinista, o efeito com a causa.

Escamotearam Deus, suppondo que negar era suprimir.

Já Voltaire dizia: — «O Universo confunde-me, e eu não posso conceber que este relógio admirável exista sem ter Relojoeiro». E persistindo na mesma ideia deísta, repetia por outros termos: — «Ou os astros são grandes géometras, ou o Eterno Geómetra regulou os astros».

Foi o materialismo que mais concorreu para a dissolução e deliquescência moral da sociedade, abrindo de par em par as portas da descrença, precipitando a humanidade, embriagada pelos seus falsos princípios, onde estuava a irresponsabilidade moral, para a mais desenfreada bacanal de perversão, egoísmo e prepotência, proclamando fratricidamente o direito soberano do mais forte na *struggle for life*, impelindo a alma humana para o descabro do sentimento e da consciência moral, subvertendo os princípios da fraternidade social.

No campo científico manejou com a inversão do efeito em causa, restringindo o campo de investigação científica, despedaçando a orientação filosófica que deve presidir a todas as investigações das forças naturais, legando-nos uma ciência tecida de utilitarismos e de incoerências monstruosas, sem alma, sem espírito, sem base filosófica e sem finalidade.

A crítica histórica, implacável, e justiceira, difficilmente saberá determinar se os efeitos deletérios do materialismo foram mais perniciosos no campo científico, se no campo moral e social.

Fiquemos por aqui. Respeitemos o estertor dum moribundo.

* * *

O positivismo, que A. Comte incongruamente architectou, é o sistema mais anti-filosófico, que um grande talento podia ter concebido.

Foi, na realidade, o triunfo retumbante e lógico da observação e da experiência sôbre a rotineira, carcomida e esterilizante especulação da escolástica e da metafísica. Foi, indiscutivelmente, uma grande obra de saneamento e de renovação, varrendo o caruncho da sciência de sacristia, insuflando-lhe uma lufada de ar ricamente oxigenado, limpando-a do bolor bafiento que a immobilizava, inoculando-lhe alento e novas forças de expansão e de progresso.

O génio que palpita na sua concepção, sendo a génese e o motor das grandes descobertas da última metade do século passado, ainda assim não contrabalança a degradação moral que levou aos espíritos, cortando cerce o estudo das causas primeiras, limitando-se ao estudo experimental dos fenómenos materiais e dedução das suas leis.

O positivismo dominou a matéria e endeusou o homem, votando ao ostracismo Deus e a alma humana.

Era pois, conseqüente que, dentro das suas análises confinadas a um critério sistemático e exclusivista, adstrito à matéria, irreduzível ao espírito, não pudesse surgir a admirável síntese do Universo, a divina Fôrça da criação, a suprema Energia espiritual.

O positivismo entrou, assim, o *elan* filosófico no seu mais alto significado e finalidade — o mecanismo das essências espirituais — porque delas e só delas se podem deduzir as realidades e utilidades que devem orientar as atitudes morais e intellectuais da humanidade.

As linhas de conduta social são corolários da finalidade humana. Comte não teve finalidade filosófica.

Na sua obra monumental, tanto encontramos scintilações geniais, como degradante cobardia, rendendo-se aos falsos preconceitos materialistas reinantes e a outros prejuízos da época, donde derivou ao lado de um progresso material e mercantil extraordinário, um retrocesso moral, num desequilíbrio cruciante, no estendal de miséria, de ódios e de paixões em que nos debatemos. Comte foi grande pelo cérebro, e pequeno pelo coração.

Instruiu, mas não soube educar.

Votando Deus ao ostracismo e fazendo da alma humana um mito, despertou os instintos ancestrais da animalidade, transformando os homens em feras humanas, onde só domina a ferocidade expressa nos interesses materiais, e o direito do mais forte ou do mais astuto.

A sua escola ruirá aos golpes do neo-criticismo filosófico, de dia para dia mais acentuadamente espiritualista; quer nos domínios da neo-biologia, quer nos vastos e complexos problemas metapsíquicos, que, subindo aos mais misteriosos refulgos da alma humana, em breve hão de inundar de luz e claridade as maiores incógnitas que têm agitado o pensamento filosófico.

Rochas d'Aiglun, Baraduc, Lefranc, Lancelin e muitos outros experimentadores e psicólogos eminentes, já lançaram as bases da anatomia e fisiologia da alma humana, fazendo-a descer das concepções abstractas e imateriais à realidade objectiva da análise e da observação. Será a sciência do presente século, como vaticinaram Rochas e Flammarion.

E' preciso desocultar o occulto, diz o eminente professor Grasset, e o occulto

será desocultado pelo esforço do génio humano, accionado pela incoercível lei da Evolução Universal,

Augusto Comte, o patriarca do positivismo, limitando a actividade científica à dedução das leis e ao estudo e observação dos fenómenos que vão do bojo duma retorta à ponta dum escalpelo, fez bancarrota no domínio da filosofia e causa comum com os materialistas, transformando o anfiteatro da sciência num balcão dourado, onde só impera o ultrajante utilitarismo mercantil, expresso na vil moeda ou em enfiada vaidade dogmática, sem orientação filosófica, sem ideal espiritualista, sem freio moral aos baixos instintos sociais, que galopam à desgarrada para um mar de sangue, na ânsia de retaliações e de apetites insaciáveis, num pandemónio sufocante e angustioso.

E' neste cataclismo social, que se há de desenrolar o sinistro epílogo deste ciclo evolutivo, lógica consequência do materialismo e positivismo, para então rajar uma nova aurora de paz, de justiça e de harmonia, que Tolstoï intuitivamente vislumbrou, e que marcará o início de um novo ciclo evolutivo — o estado de regeneração.

* * *

Expôr o espiritualismo, é entrar no vastíssimo âmbito das grandes religiões, suas naturais detentoras e infidelíssimas depositárias, cada uma levando-o, à porfia, ao ridículo e à ruína, numa cavalgada desordenada e louca, muitas vezes criminosa, não tendo havido fôrças humanas, que as tivessem sabido sopear à beira do atismo de descrédito, onde se vão subvertendo, até seu completo aniquilamento.

As religiões, fragmentos das leis divinas, estiveram próximas das Verdades Eternas, tomando Deus para base das suas concepções, e na mecânica das suas construções teológicas tiveram a solução das maiores incógnitas da vida espiritual. Mas os seus interesses e vaidades de mando eram demasiadamente grandes, e Deus demasiadamente pequeno para os seus olhos de toupeira.

Deus, no seu infinito amor, na sua suprema justiça, era incompatível com o orgulho, o egoismo e as ambições de que estavam recheiadas as religiões. Mutilar a sua essência divina, falsificar os seus atributos ao sabor das suas demarcadas ambições e dos seus insaciáveis interesses, foi a suprema aspiração das grandes religiões, e devemos confessar que, por vezes, o fizeram com habilidade e astúcia. Quarenta dinheiros valiam bem todos os sacrilégios e blasfêmias.

Com a mordada do dogma e com o dragão chamejante do inferno, escravizaram a humanidade e dominaram o mundo inteiro.

Deus, Infinito Amor, tem sido um azorrague nas suas mãos ímpias e sacrílegas, donde jorram caudais de sangue, que inundam tôda a história da humanidade.

Aos nossos ouvidos ainda repercutem os ecos longínquos dos cruciantes estertores inquisitoriais, do rechinar das línguas rubras das fogueiras, os gritos lancinantes da roda e da polé, que o ruido orgiaco das bacanais do Vaticano intensificou lúgubre e sinistramente. Todas as religiões sentem no íntimo da sua consciência quanto têm falseado a essência de Deus ao sacrílego capricho dos seus interesses temporais, para dominar a humanidade, conduzindo-a pela arreata do fanatismo ou do terror à realização da suprema aspiração: — o domínio absoluto dos corpos e das almas, na dança macabra da sua almejada prepotência teocrática.

Quási tôda a história se espraia no fluxo e refluxo dos interesses das religiões. As lutas religiosas tomam, por vezes, aspectos dantescos, num turbilhão infernal de massacres sanguinários, canibalescos, de uma selvageria horripilante, ao grito sacrílego — *para maior glória de Deus* — êsse Deus, Infinita bondade,

que só paz e amor dita pelos seus mensageiros, êsses grandes instrutores da humanidade, que vão de Buda a Cristo.

As grandes religiões agonizam, encanecidas nas lutas encarniçadas dos seus interesses materiais, anemizadas na dialética dogmática, vergadas ao pêso das suas abominações, calcinadas pela maldição das suas vítimas.

A missão social e civilizadora das religiões milenárias findou, como envelhecem e morrem as teorias mais bem architectadas, os sistemas filosóficos melhor construídos.

A lei implacável do progresso, nas suas ondulações sinuosas, estuante de perfeição, na ânsia insofrida da conquista integral da Verdade, avassala inclemente o passado, para dos seus escombros fazer surgir o presente, risonha esperança do futuro, no rodopiar de cada ciclo evolutivo.

Não é certamente a esta geração, que compete fazer o inventário do activo e passivo, legado pelas grandes religiões. A sua agonia será lenta e demorada, mercê dos grandes interesses materiais que gravitam em volta do seu leito de morte, e que ainda as galvanizam em paroxismos de vida artificial, numa ebulição de ódios e ambições em que hão-de sossobrar. E' cedo ainda para uma crítica serena e justiceira.

Prestaram assinalados serviços à civilização, especialmente domando as hordas bárbaras que a avassalaram, e fazendo surgir dessa noite de mil anos de Michelet, dessa idade-média misteriosa e torturante, essa aurora resplandecente de maviosas claridades, esbatidas em purezas de linhas duma policromia inebriante e encantadora — A Renascença.

Mas pequena compensação para o martirologio de dores e de amarguras em que sepultaram o coração humano, para dar pasto ao seu fanatismo estruturalmente vesgo, odiento, vingativo e perseguidor, para impor uma teocracia que esmagasse os corpos e conturbasse os espíritos, a-fim-de conquistar todas as regalias mundanas, aniquilando as almas nos dogmas, algemando a liberdade de consciência, immobilizando o pensamento scientifico e filosófico, encarcerando o cérebro humano no Index e no Syllabus.

A história de *todas* as grandes religiões espraia-se num tenebroso *mar-magnum*, donde emergem tragédias sangrentas de miséria moral, dramas de dor e de angústia, em turbilhões de ambição, cobiça e vingança clerical.

Não citamos nomes nem registamos datas. A filosofia da história já não é tecida de anedotas descritivas, mais ou menos engraçadas e verídicas, nem de nomes mais ou menos sonoros e gloriosos.

Todo o seu abstracto é constituído por vastas generalizações, sínteses dos períodos históricos na vida evolutiva da humanidade.

O estudo da sua etiologia e mecanismo subiu da concretização simplista, descritiva, às mais altas concepções de síntese psicológica, quási nas fronteiras da abstracção, para assim deduzir suas lógicas conclusões e ensinamentos progressivos.

Religião alguma, tanto no oriente como no ocidente, foi fiel depositária da doutrina do seu fundador na sua pureza, originalidade e real intenção, muito especialmente na lógica e racional interpretação e aplicação dos seus princípios morais. Todas falsificaram a sua finalidade social; todas traíram miseravelmente as leis básicas da sua organização, só se inspirando nas suas vaidades e interesses materiais.

Algumas, num impudor revoltante, alteraram tão profundamente a essência dos ensinamentos recebidos, numa orientação diametralmente oposta à que tinha sido prègada pelo seu Fundador e cimentada pelo sangue dos seus mártires e apóstolos, que de uma religião feita de luz e de amor, tecida de caridade e de perdão, bendito sol que deveria iluminar a consciência humana, está reduzida a um pomposo ritual pagão, com scenas litúrgicas burlescas, afogadas em

dogmas abstrusos e discussões bisantinas, vãos dos altos e elevados conceitos morais que foram a sua raiz básica e a razão de ser do seu esplendor inicial.

As religiões foram o factor decisivo da descrença e da indiferença religiosa, que campeia infrene na sociedade contemporânea.

Refractárias à lei da evolução, incompatíveis e inadaptáveis ao pensamento moderno, as religiões teem os seus dias contados neste ciclo evolutivo. Grandes e tremendas responsabilidades, perante a Suprema Justiça, devem ter os seus infieis representantes.

Já não há religiões milenárias no seu real significado espiritualista, mas apenas algumas mentiras religiosas convencionais.

Aguardemos agora que a nova alvorada do Espiritismo inunde de paz, amor e claridade, a alma humana, dealvando de luz as trevas do ateísmo em que se debate, angustiosamente, a Humanidade, no sorvedouro da dúvida, da incerteza, da negação.

De «**© Espírita**» — Barreiro — Lisboa.

ANTÓNIO J. FREIRE

O ESPIRITISMO SCIENTÍFICO

O estudo científico do espiritismo só pode ser feito por quem possua, a par de uma sólida e vasta educação intelectual, a tenaz persistência do verdadeiro investigador. A falta desta preciosa e rara qualidade conduz ao desânimo, à descrença e à desilusão de muitos dos que desejam encontrar a Verdade no estudo consciencioso dos fenómenos espíritas.

Nada mais desanimador, com efeito, do que a aparente inutilidade da maior parte das sessões espíritas, as manifestas contradições entre as inteligências que se comunicam, as evasivas com que procuram iludir as mais simples perguntas, e as misteriosas reservas que, sistematicamente, opõem aos mais sinceros pedidos de esclarecimentos; junte-se ainda as dificuldades, quando não a impossibilidade, de comunicação com Espíritos com quem mais interessaria comunicar, e, acima de tudo, as grosseiras mistificações, umas ridículas, outras perigosas, a que freqüentemente se sujeitam os que se deixam arrastar por uma fácil credulidade, e ter-se hão motivos de sobejo para justificar a dúvida de muitos, se trilham o caminho para a Verdade ou se estão sendo vítimas duma tremenda ilusão.

Mas o certo é que o formidável Problema, que os espíritas pretendem resolver, é o maior de quantos teem preocupado a inteligência humana e tem de ser encarado em tôda a sua enorme complexidade; assim procedem os que bem o compreendem, dedicando ao seu estudo longos anos de actividade constante e persistente. Aqueles que, entre nós, não forem capazes de tão grande esforço, podem, ao menos, evitar a descrença e o desânimo, estudando o trabalho que os mais competentes vão realizando.

Assim, vejamos, por exemplo, o que na Inglaterra tem produzido a *Society for Psychical Research*, fundada em 1882, por iniciativa do notável físico, W. Barrett, há pouco falecido, e onde colaboraram dedicadamente altas mentalidades do mundo científico, literário e político inglês, como Sidgwick, Balfour, Crooks, W. James, Gurney, Myers, Podmore, Hodgson e Lodge, ajudados por numeroso grupo de outros investigadores, dotados de inexcedível dedicação.

Logo de princípio, a Sociedade estabeleceu o seu programa: «esclarecer, submetendo-os a rigoroso exame científico, todos os factos conhecidos com os

nomes de mesmerismo, espiritismo, telepatia e transmissão de pensamento», acentuando bem nitidamente, que, «o facto de pertencer à Sociedade, não implicava nenhuma maneira particular e previamente fixada de explicar estes fenómenos, nem a crença na acção no mundo físico de forças diferentes das conhecidas pelas sciências físicas.

Na realização do seu programa, desde o estudo dos simples fenómenos de transmissão de pensamento, até o que actualmente está sendo mais estudado, o interessante fenómeno das *correspondências cruzadas*, a obra produzida em 14 anos é enorme; os relatórios formam já mais de quinze grandes volumes, os *Proceedings of Society for Psychical Research*, além da notável obra de Myers, Gurney e Podmore, publicada com o título de *Phantasms of the Living*.

O falecido Myers, que no seu magnífico livro, *Human Personality*, tão bem estudou a consciência sub-liminal, depois de muito ter colaborado nos trabalhos da Sociedade, continua, ainda hoje, a interessar-se pelo problema que em vida tanto o preocupou, comunicando-se do plano Astral, conjuntamente com Gurney e Hodgson, que também já não pertencem ao número dos vivos, esforçando-se por provar, por todos os meios, a sua identidade, e invalidar, pelo surpreendente fenómeno das correspondências cruzadas, as hipóteses de influência do sub-consciente e da reflexão do pensamento no cérebro do médium a que, por vezes, se pode atribuir grande número de comunicações.

A respeito destes interessantes fenómenos, e depois de os ter devidamente estudado, diz o Prof. Lodge: «Descobrimos que amigos falecidos, alguns bem conhecidos por nós e que tomaram parte activa nos trabalhos da Sociedade, especialmente Myers, Gurney e Hodgson, pretendem constantemente comunicar connosco, na intenção, bem determinada, de provarem pacientemente a sua identidade e de nos darem correspondências cruzadas entre diferentes médiuns».

Depois de perto de meio século de trabalho, conduzido com todo o rigor científico, vejamos a que conclusões chegam os que mais dedicadamente procuram resolver o eterno Problema, e notemos a prudência das suas afirmações.

No prefácio do seu livro intitulado *No Limiar do Invisível*, diz W. Barrett:

«Por minha parte, estou absolutamente convencido que a sciência psíquica provou, experimentalmente, a existência duma entidade transcendente e imaterial, duma *alma* no homem.

Estabeleceu, igualmente, a existência dum mundo espiritual e invisível de seres vivos e inteligentes, que podem comunicar connosco, quando se lhes oferece ocasião favorável. Acrescento, que, a-pesar-de muitas ilusões, de simulações e de outros erros, há uma massa crescente de provas que convergem a favor da sobrevivência do homem à morte e à dissolução do corpo e do cérebro. Não tenho, a tal respeito, a menor dúvida, bem que seja ainda necessário obter muitas provas, para se estar certo de que a personalidade dos que viveram na Terra, se não altera depois da desincarnação.»

Por seu turno, Lodge, que no prefácio da sua magistral obra, *A Sobrevivência Humana*, diz que a convicção do autor, de que «o homem sobrevive à morte do seu corpo, é bem conhecida; é uma convicção baseada na observação duma longa série de factos naturais». Diz, depois, prudentemente, nas conclusões:

«A barreira que existe entre os dois estados — o conhecido e o desconhecido — é ainda espessa, mas vai-se adelgaçando em alguns pontos. Como mineiros que perfuram um túnel pelos dois lados, nós começamos, no meio do rugir das águas e de mil ruidos diversos, a ouvir, de vez em quando, os golpes de picareta dos nossos camaradas que trabalham do lado oposto. Então, saímos do nosso túnel, vimos cá fora e anunciamos a nossa descoberta a um scéptico e azafamado, ou por vezes, demasiadamente crédulo. Não esperamos que nos dêem crédito, se bem que haja quem nos diga que a nossa descoberta não é nova, e que desde tempos imemoriais existem caminhos, dando acesso à outra vertente da

montanha, e que o túnel por nós tão laboriosamente construído é inútil. Ágeis trepadores conseguiram atingir o cume da montanha e espreitar o que ela oculta; de lá nos teem vindo notícias nas âsas dos mensageiros: — pioneiros que já puderam explorar o caminho. Nós, como simples trabalhadores, não temos âsas; trabalhamos na terra comum, cavamo-lá; a nossa missão é a de perfurar a montanha a um nível pouco elevado, e de construir um caminho permanente, uma via férrea, para o serviço da Humanidade».

Será decerto consolador para quem não tiver o inabalável amparo da Fé, o estudo de trabalhos realizados com tanta probidade científica e com tão louvável e pertinaz dedicação; recorramos, pois, a êles, sempre que a descrença e o desânimo começarem a invadir-nos, e atribuamos, unicamente, à nossa incompetência o pouco êxito dos nossos esforços na ansiosa busca da eterna Verdade.

De «**A Asa**» — Lisboa.

ADOLFO SENA

Informações e Consultas

A fim de prestarmos todos os esclarecimentos aos nossos Prezados Confrades, relativamente a assuntos que se liguem directamente com o Espiritismo nos seus múltiplos aspectos, abrimos esta secção, que fica, desde já, à disposição de todos os Espíritas portugueses, assinantes desta Revista.

Todas as informações ou consultas pedidas devem vir devidamente assinadas e com o respectivo endereço, muito embora na publicação das respostas, apenas façamos inserir as iniciais do nome e apelido dos consulentes.

Pedimos a todos os Confrades, que requisitarem desta Revista qualquer informação ou consulta, a fineza de nos descreverem em todos os detalhes — o mais minuciosamente possível — os factos que sujeitarem à nossa apreciação, e precisarem, nitidamente, o objectivo da consulta.

Para a resolução dos vastos e complexos problemas que nos podem ser apresentados, contamos com o esclarecido conselho e proficiência da digna Junta Consultiva da Federação Espírita Portuguesa.

A COMISSÃO DIRECTIVA

Os nossos correspondentes em Londres e Paris

Teve a gentileza de aceitar o cargo de representante desta Revista, em Londres, o nosso ilustre Confrade, sr. Capitão A. Carnell, distinto oficial do exército inglês, redactor da Revista espírita — «*Light*» — uma das mais conceituadas e importantes revistas inglesas, quer na Inglaterra, quer no estrangeiro.

Êste nosso prezado Confrade é um amigo dedicado de Portugal, tendo permanecido nas nossas Ilhas alguns anos, falando e escrevendo correctamente o português.

Esta Revista agradece tão grata e cativante distinção.

Teve também a gentileza de aceitar o cargo de representante e correspondente desta Revista, em Paris, onde reside quasi permanentemente, o nosso prezado Confrade, Sr. Dr. Evora Macedo, distinto titular português e primoroso poeta da moderna geração.

Esta Revista testemunha-lhe todo o seu profundo agradecimento.

NOTICIARIO

PORTUGAL

Comissões Federativas de Propaganda Espírita — Estão definitivamente constituídas as dos seguintes concelhos: Portel, Figueira da Foz, Montemor-o-Novo, Faro, Lagos, Bombarral, Beja, Barreiro, Leiria, Caldas da Rainha, etc.

Em muitos outros concelhos, especialmente no Pôrto e Coimbra, sabemos que dedicados Confrades estão trabalhando activamente para a organização destas comissões concelhias que muito devem contribuir para uma íntima confraternização federativa e intensiva propaganda do nosso Ideal.

No próximo número serão publicados os Corpos Gerentes das comissões eleitas, assim como o movimento associativo da F. E. P., que, de dia para dia, está tomando maior incremento, não obstante a enorme dificuldade de encontrar casa em condições satisfatórias para sede da nossa Federação.

Mensagens de confraternização internacional — A nossa prezada confrade, senhora condessa de Avilez, do Conselho Superior Deliberativo, teve a gentileza de ser portadora duma mensagem de confraternização da Federação Espírita Portuguesa à Federação Espírita Brasileira, quando da sua recente viagem ao Rio de Janeiro.

Também teve a amabilidade de ser portador duma mensagem de confraternização para a Federação Espírita Inglesa o nosso dedicado confrade, sr. Capitão de Fragata, Severiano A. Ivens Ferraz, do Conselho Superior Deliberativo da F. E. P., quando da sua última viagem a Londres.

Congresso Nacional Abolicionista — Visando combater a prostituição regulamentada, realizou-se em Lisboa de 1 a 5 de Agosto p. p. este brilhante e memorável Congresso, duma finalidade tão nobre quanto humanitária.

A alínea f), do art. 3.º dos nossos Estatutos, preceitua, que a Federação Espírita Portuguesa coopere em todos os empreendimentos humanitários nacionais ou internacionais, especialmente os que tendam a combater a pena de morte, as guerras, o regime presidiário, a prostituição, o alcoolismo e o mau trato aos animais. Por este motivo foram nomeados delegados a este Congresso os nossos confrades: António L. Vilela, Ramiro Guedes de Campos e Dr. António J. Freire, que tomaram uma parte activa nos trabalhos deste Congresso, defendendo vigorosamente a justa emancipação e a necessária espiritualização da mulher portuguesa.

Foi este o primeiro acto em que oficialmente colaborou a Federação Espírita Portuguesa que tinha sido inaugurada, preci-

samente, na véspera do 1.º Congresso Abolicionista.

Cumpre-nos agradecer, mais uma vez, ao activo e ilustre Secretário Geral do Congresso, sr. Dr. Arnaldo Brasão, figura de primacial relêvo no movimento feminista português, o gentil agradecimento que enviou à Federação pelos serviços prestados pelos nossos Delegados.

Conferências de propaganda Espírita — Como delegado da Federação Espírita Portuguesa realizou em Novembro p. p. o nosso confrade, sr. Dr. António J. Freire, uma série de conferências públicas sobre o espiritismo nos seus aspectos científico e filosófico, em Faro, Olhão, Beja e Portel, tendo sido muito concorridas e bem recebidas pelo público, não tendo havido o mais leve incidente.

No dia 21 de Março p. f. este nosso confrade irá às Caldas da Rainha fazer uma conferência pública subordinada ao título: — «O Espiritismo perante as Religiões».

A Federação Espírita Portuguesa está trabalhando no sentido de organizar um grupo de Conferentes para poder satisfazer aos inúmeros e insistentes pedidos que lhe chegam da Província, onde há o máximo interesse pelos estudos e conferências sobre Espiritismo.

ESTRANGEIRO

Federação Espírita Internacional (Reunião do «Comité» Geral) — A Federação Espírita Internacional, com a sua sede em Paris, cuja obra, na hora que passa, está assumindo uma importância capital e cujos trabalhos, dum grande interesse e dum real valor, muito hão de certamente concorrer para o progresso e vitória definitiva da causa espírita, acaba de distinguir a Federação Espírita Portuguesa com um honroso e gentilíssimo pedido de adesão, escolhendo ao mesmo tempo esta Revista para as suas publicações oficiais no nosso país.

Muito a nosso pesar, a falta de espaço com que lutamos, impede-nos de dar, na íntegra, as actas das últimas reuniões dos seus «Comités» Executivo e Geral de que apenas extratamos algumas resoluções.

No próximo número publicaremos os relatórios apresentados aos dois «Comités» pelos srs. André Ripert e Alberto Pauchard, respectivamente Secretário Geral e Tesoureiro da Federação Espírita Internacional.

Reunião do «Comité» Geral — Estiveram representadas as seguintes nações: Inglaterra, Espanha, Bélgica, Suíça, Alemanha, Holanda, França e Africa do Sul.

Redacção dum Dicionário Espírita —

Foi resolvido que o Secretariado da F. E. I. reuna um vocabulário em francês para enviar a todos os aderentes, pedindo-lhes uma lista das palavras correspondentes e complementares.

Congresso Internacional de Espiritismo — Ficou determinado que o próximo congresso se realize em Londres.

Insígnia — Foi adoptada a insígnia americana, podendo fabricar-se em todos os países aderentes.

Admissão da Africa do Sul — Foi admitida por unanimidade.

Fundo internacional para a construção de Casas Espiritas em todos os países — Foi resolvido trabalhar assídua e tenazmente neste sentido, angariando os meios necessários e submetida ao estudo do «Comité».

Congresso Psico-sociológico — Acaba de se realizar em Paris o 1.º Congresso Psico-sociológico com o concurso de altas mentalidades, nas sciências e na filosofia, onde os princípios básicos que regem o Espiritismo, foram defendidos e proclamados vigorosamente.

Este certâmen científico visava estreitar, numa união fecunda, a sociologia com a psicologia experimental, espiritualizando as aspirações sociais dos povos modernos.

É a primeira tentativa neste género, e oxalá frutifique, para assim poderem ser resolvidos os mais tormentosos problemas sociais, desde o pacifismo ao internacionalismo fraternal, sem fronteiras, numa contínua e sentida confraternização de todos os povos.

Este memorável Congresso era constituído por sete secções.

Na 1.ª secção, (Scientífica), o Dr. Osty, director do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, sob o tema — *As bases científicas do Espiritismo e da Psico-sociologia* — defendeu, além doutras, as seguintes conclusões:

a) Depois que o estudo da função do pensamento é tornado sciência de observação e de experimentação, a investigação tem sido conduzida sobre duas categorias de produtos desta função:

1.º Sobre a produção normal e suas perturbações;

2.º Sobre a sua produção supranormal, consistindo no conhecimento da realidade, no espaço e no tempo, por meios diversos dos nossos sentidos físicos e da nossa razão.

b) O que até agora tem sido adquirido pela exploração das propriedades supranormais do psiquismo, destrói a hipótese materialista.

c) As novas concepções científicas serão baseadas no «preconhecimento do futuro individual», determinando como conseqüências:

1.ª A certeza de que o pensamento precede em conhecimento as realizações da matéria;

2.ª Que a matéria não poderia, de forma alguma, ser a criadora do pensamento, visto que este precede a sua realização.

A 2.ª Secção, (Filosofia) — tinha por tema — *O Sentido da Vida* — que o Grão-Duque Alexandre da Rússia enuncia, admiravelmente, em sete princípios:

1.º Submissão dos nossos pensamentos e dos nossos actos à vontade de Deus, a força suprema, origem de todo o Universo, e, por conseqüência, origem da alma humana imortal;

2.º Aplicação da «Lei do Amor» aos nossos pensamentos e aos nossos actos, para o nosso próximo e para todos os seres viventes;

3.º Tolerância completa e respeito para com todas as religiões e crenças;

4.º Completa aliança dos princípios religiosos com os princípios científicos;

5.º «União das almas» incarnadas na Terra com as desincarnadas do plano astral, para uma melhor fraternidade entre os humanos;

6.º Servir o Bem, sempre pelo Bem, por todos os meios do pensamento e pela acção directa;

7.º Evolução da alma e de suas forças ocultas, para alcançar o domínio do espírito, da alma sobre a matéria — o corpo.

M. Briantchaninoff que tão superiormente organizou este Congresso, definiu assim «o sentido da vida»: — «O homem é apenas uma realização imperfeita de possibilidades ilimitadas; o sentido da vida humana consiste definitivamente, na plena consciência da eternidade do seu espírito, da perfectibilidade ilimitada da sua individualidade, e na possibilidade de vencer a sua personalidade animal.

«Considerando a vida terrestre como um detalhe passageiro e secundário da vida cósmica, na qual o homem pode participar directamente, «o verdadeiro sentido da vida» consiste em harmonizar, numa evolução contínua, a Trindade interior, constituída pelo Entendimento, Vontade e Amor (E. V. A.)»

Na 3.ª Secção, (Sociologia), o conde M. Prozer tomou parte muito activa.

Na 4.ª Secção, (Da Moral e das Religiões), M.elle Sherifa Goodenough defendeu inteligentemente, alguns princípios básicos espiritas:

1.º Existe um Deus, uma Verdade e uma Religião. Todas as diversas religiões são aspectos diferentes da Religião Unica;

2.º Existe um Mestre — o Espírito-guia — que conduz, constantemente, os seus discípulos, para a Luz Divina;

3.º Existe um Princípio moral — o Amor — brotando da abnegação e florescendo em actos de bondade;

4.º A verdadeira Religião procura a Harmonia entre o homem, a sociedade e Deus, através do Amor e da Beleza.

A 5.ª Secção, (Da Mística e da Arte), reuniu interessantes comunicações: de M. Delville — «A Hierarquia Oculta»; da Baroneza de Eichtal — «Hierarquia Espiritual»; de M. Chabas — «A Arte e o Espiritualismo».

A 6.ª Secção, (A Questão da Sobrevivência), teve um desenvolvimento considerável, tendo sido muito apreciados os trabalhos de M. R. Warcolier.

A 7.ª Secção, (A Suprapolítica e o Plano de Evolução da Humanidade), foi representada por M. Pollin que apresentou a tese — «República supranacional».

Em conclusão: O 1.º Congresso Psico-sociológico foi um triunfo para as correntes neo-espiritualistas, muito, em especial, para a metapsíquica e para o espiritismo.

○ Espiritismo no Brasil — O Brasil, nosso irmão pelo sentimento, pela raça e pela língua, uma das mais ridentes esperanças desta humanidade pela vastidão e feracidade dos seus territórios, caminhando na vanguarda da civilização, é, indiscutivelmente, um dos povos mais espiritualizados da época actual.

Os Estados Unidos da América do Norte e o Brasil, à face das últimas estatísticas, são os países, que, proporcionalmente, contam maior número de espíritas militantes.

As edições portuguesas e francesas das obras espíritas esgotam-se com maravilhosa rapidez.

Os mais cotados diários do Rio de Janeiro — *A Gazeta de Notícias, O Jornal, A Capital, A Noite, O Brasil, A Província, O Mundo*, etc. — abriram secções permanentes de Espiritismo, onde os seus variados aspectos científico, filosófico, moral e social, têm sido tratados com superior competência.

Mas um facto de capital importância acaba de consagrar o Espiritismo no Brasil.

A Universidade do Rio de Janeiro com Professores de renome mundial, instituiu, oficialmente, uma cadeira de Filosofia, sob a rubrica altamente significativa: — «**Psicologia racional, Natureza da alma, sua origem, seu destino. O Materialismo, o Espiritismo. Comparação das suas doutrinas**».

Este facto, recentemente ocorrido, tem tido uma feliz e agradável repercussão no meio espírita mundial. Encomiásticamente se lhe tem referido importantes revistas europeias e americanas.

O *Jornal do Comércio*, um dos mais cotados diários do Brasil, assim como uma grande parte da imprensa brasileira, apoiam esta inovação no primeiro estabelecimento científico do Brasil.

Conhecedores do extraordinário desenvolvimento do Espiritismo nesse país irmão, onde a propaganda espírita é orientada com tenacidade e invulgar proficiência, obedecendo a um critério científico, dum experimentalismo metódico e positivo, tão grata e emocionante boa-nova não nos surpreendeu.

De há muito estamos habituados a compulсар interessantes teses espíritas, que têm sido apresentadas por jovens e inteligentes doutorandos em diversas Universidades brasileiras, sem hostilidade dos seus doutos Corpos Docentes, onde não imperam o sectarismo e o misoneísmo, proverbiais nos Catedráticos Europeus.

Esta revista associa-se de alma e de coração a este magnífico triunfo dos nossos prezados Confrades Brasileiros, triunfo só devido aos seus ingentes esforços de derroçados e bem orientados propagandistas.

Caixa de Propaganda

Subscrição Permanente

O principal objectivo da Federação Espírita Portuguesa é a propaganda científica e cristã do Espiritismo.

Este objectivo só pode ter realização prática e efectiva pela larga divulgação desta Revista e doutras publicações espiritistas numa intensiva distribuição gratuita.

Os trabalhos tipográficos tomaram proporções assustadoras no nosso país, e, assim, só com um eficaz e decidido apoio financeiro dos Espíritas Portugueses a Federação poderá realizar a sua nobre e humanitária finalidade de regeneração social.

Janeiro-Fevereiro de 1927.

Francisco Alves — Lisboa.....	200\$00
Capitão-Tenente José Freire Graíña — Lisboa .	200\$00
Caetano Ciríaco Goíñas — Beja	200\$00
Pedro Cardia — Lisboa.....	50\$00
José Francisco Aranha — Beja	10\$00
António L. Vilela — Lisboa	70\$00
Dr. António J. Freire — Lisboa.....	100\$00
	830\$00

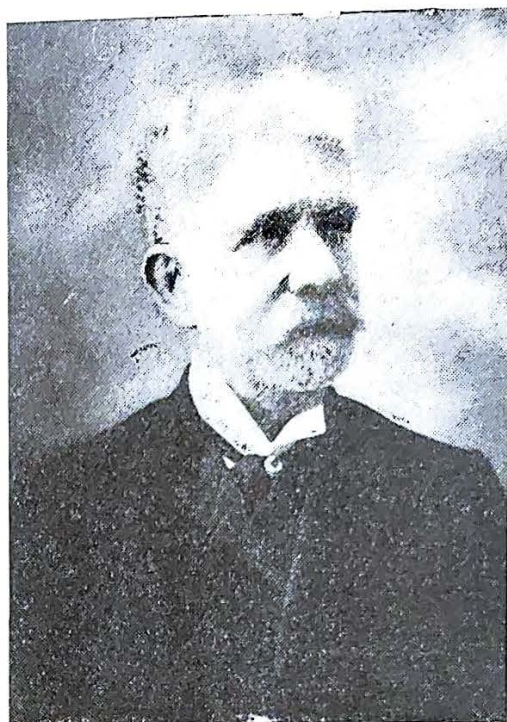
FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

D. D. PRESIDENTES DOS CORPOS GERENTES

(Trilénio de 1926-1929)



General Júlio César Barata Feyo
Presidente da Assembleia Geral e do
Conselho Superior Deliberativo da F. E. P.



Conselheiro Dr. João José da Silva
(Antigo Presidente do Supremo T. de Justiça)
Presidente da Junta Consultiva da F. E. P.



Dr. Afonso Acácio Martins Velho
(Advogado e Escritor)
Presidente da Direcção da F. E. P.



Capitão José Bernardo Pinto da Silva
Professor do Colégio Militar
Presidente do Conselho Fiscal da F. E. P.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

CORPOS GERENTES

(1926-1929)

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL :

Presidente — General Júlio César Barata Feyo

Vice-Presidente — Capitão-Tenente José Freire Graíña

1.º Secretário — Silvano Costa, Director do jornal cristão-espírita «Excelsior»

2.º Secretário — José Maria Pereira Bravo, publicista

DIRECÇÃO :

Presidente — Dr. Afonso Acácio Martins Velho, advogado e escritor

Secretário-Geral — Alberto Zagalo Fernandes, diplomado com os Cursos Superior de Finanças e Superior Consular e antigo Presidente da Federação Académica de Lisboa

1.º Vice-presidente — Dr. António J. Freire, médico

2.º Vice-presidente — António E. L. Vilela, quintanista de matemática da Faculdade de Ciências e publicista

1.º Secretário — D. Dinah Santos Lima

2.º Secretário — Fernando Almiro Nogueira Vale, jornalista

Tesoureiro — D. Elisa Santos Lima

VOGAIS :

Joaquim Loureiro Júnior, Tesoureiro do Montepio-Geral

João José Alves, empregado público

Virgílio Fonseca, comerciante

CONSELHO FISCAL :

Presidente — Capitão José Bernardo Pinto da Silva

Relator — Adelino Alves Ferreira, industrial

Secretário — António Joaquim Correia, empregado superior de Finanças

VOGAIS :

Dr. Mário Machado, cirurgião-dentista

Vitor Carvalho da Silva, Sub-Inspector das Alfândegas

Emílio Palet, comerciante

JUNTA CONSULTIVA

Dr.^a Amélia Cardia, médica e publicista

D. Maria O'Neill, da Academia de Ciências de Portugal, escritora

D. Madalena Frondoni Lacombe, escritora

Condessa de Avilez

- D. Maria Madre de Deus Leite Denis, do Corpo de Redacção da revista espi-
ritista «A Asa»
- Dr. Adolfo Seia, professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
Conselheiro Dr. João José da Silva, antigo Presidente do Supremo Tribunal
de Justiça
- Dr. José Magalhães e Meneses, médico
Capitão de Mar e Guerra Amaro de Azevedo Gomes, antigo ministro
Coronel A. A. Guedes Vaz
Capitão de Mar e Guerra Júlio Milheiro
Dr. João Antunes, advogado, escritor e Professor do Liceu
Dr. José Bivar de Paula Robertes, médico
Capitão de Fragata Fernando Augusto Pereira da Silva, antigo ministro
Engenheiro Angelo Sarrea de Sousa Prado
Dr. José António Salvado da Mota, médico
Capitão de Mar e Guerra Albano Morais de Carvalho
Nuno Infante da Câmara, proprietário
Dr. António Francisco Dias, médico
Dr. João Catanho de Meneses, advogado e antigo ministro
General Arnaldo Costa Cabral de Quadros
Dr. José J. Baptista Júnior, médico
Coronel Luís Pinto da Ascensão Moreira
Dr. Carneiro de Moura, advogado
Capitão de Fragata Severiano A. Ivens Ferraz
Eurico Humberto Tavares Moreira, professor, secretário do Instituto Superior
do Comércio e Director da Associação Comercial de Lisboa
Coronel Honorato Lúcio de Morais
Vasco Infante da Câmara, proprietário
Dr. António Esteves Rodrigues, Director do Arquivo da Câmara Municipal de
Lisboa
Comandante Pedro Ferreira Dias de Sousa (marinha mercante)
Joaquim Jacobetty Rosa, Contador da 4.^a Vara
Albano Couto Martins, solicitador
Joaquim Marques Quintela Paixão, sub-director de «O Espírita»
Dr. Acúrcio de Campos, licenciado em ciências naturais pela Universidade de
Paris
Engenheiro-Agrónomo José A. Manique de Albuquerque
Comandante Afonso Vieira Dionísio (marinha mercante)
Horácio Inglês Tavares, professor e publicista
Dr. Jacinto Henriques, médico
Pedro Cardia, publicista
Major Artur Sangreman Henriques
José Neves, quartanista de Ciências Históricas da Faculdade de Letras
✧ Imediato Pedro Carreira Dias de Sousa (marinha mercante)
Dr. Gilberto Cardoso Monteiro, médico
Ramiro Guedes de Campos, estudante de Filosofia da Faculdade de Letras
António Júlio Castro Fernandes, estudante do Curso Superior do Comércio e
actual Presidente da Federação Académica de Lisboa
Carlos dos Santos Paiva, estudante de Direito e de Filosofia
Honoré Marques da Cunha, estudante do curso Superior de Agronomia e an-
tigo Presidente da Federação Académica de Lisboa
Eduardo Franco Ferreira, estudante de Engenharia e antigo Presidente da Fe-
deração Académica de Lisboa
Mário dos Santos Laurete Duarte, estudante do Curso Superior do Comércio

ESTATUTOS

— DA —

FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

CAPÍTULO I

Denominação, sede, fins e meios

Artigo 1.º E' fundada uma associação federativa de carácter científico e moral, denominada *Federação Espírita Portuguesa*, com sede em Lisboa, Travessa de André Valente, 7-1.º, regida por estes Estatutos.

Art. 2.º São fins desta Federação :

a) Unir, associativa e fraternalmente, todos os Centros e Grupos Espíritas de Portugal Continental, Ilhas Adjacentes e Colónias, bem assim todos os espíritas portugueses de ambos os sexos, mesmo quando residam fora de Lisboa ou no estrangeiro, integrando-os na grande corrente neo-espiritualista do pensamento científico contemporâneo ;

b) Estudar o Espiritismo sob os seus aspectos : — científico, experimental, filosófico, moral e social ; bem assim os seus princípios básicos : — Sobrevivência da alma, Reincarnacionismo ou Vidas sucessivas, Lei da Causalidade através do karma e Comunicação entre incarnados e desincarnados, por intermédio das médiumnidades ; e ainda as sciências psíquicas que se relacionem com o Espiritismo, bem como as fôrças hiper-físicas do Universo ;

c) Promover a cultura moral, derivada das leis fundamentais do Espiritismo, baseada no Cristianismo, na sua pureza original — *em espírito e verdade* — despido do véu da letra e de todos os dogmatismos.

Art. 3.º Para realizar estes objectivos a Federação empregará os seguintes meios :

a) Organização de cursos das sciências psíquicas, metapsíquicas, parapsíquicas e paleotécnicas ;

b) Fundação de bibliotecas, museus e laboratórios de investigações metapsíquicas e espiritistas ;

c) Promovendo conferências públicas e Congressos nacionais e regionais ;

d) Editando publicações de cultura moral e social e uma revista, órgão oficial da Federação ;

e) Organizando e regulamentando grupos experimentais, para desenvolvimento das diversas médiumnidades e das faculdades metapsíquicas latentes dos seus associados, que assim o desejarem ;

f) Cooperando em todos os empreendimentos humanitários, nacionais ou internacionais, especialmente os que tendam a combater a pena de morte, as guerras, o régimen presidiário, a prostituição, o alcoolismo e o mau trato aos animais.

CAPÍTULO II

DOS SÓCIOS

Admissão, direitos e deveres. Irradiação

Art. 4.º O número de sócios é ilimitado, sem distinção de sexo, de raça, de posição social, de credo político ou religioso, constituindo quatro classes :

ordinários, honorários, beneméritos e os Centros Espíritas Federados de que trata o capítulo 3.º destes Estatutos.

Art. 5.º Consideram-se sócios ordinários aqueles que trabalham activamente no cumprimento integral do programa da Federação, devendo a sua admissão ser aprovada por maioria da Direcção, sob proposta de dois sócios, com a indicação do nome, idade, profissão, residência e a cota que desejam pagar.

§ único. Se o candidato a sócio fôr de menor idade, a proposta será acompanhada da autorização escrita pelo pai ou tutor.

Art. 6.º Consideram-se sócios honorários todos aqueles, nacionais ou estrangeiros, que prestarem serviços relevantes à Federação ou ao Espiritismo, sendo eleitos por um mínimo de dois terços de votação do Conselho Superior Deliberativo, sob proposta fundamentada de cinco dos seus membros,

Art.º 7.º Consideram-se sócios beneméritos todos aqueles, nacionais ou estrangeiros, que contribuírem com donativos importantes para a Federação, sendo eleitos pelo *Conselho Superior Deliberativo* sob proposta fundamentada de dois dos seus membros.

Art. 8.º São deveres dos sócios:

a) Observarem e cumprirem rigorosamente as disposições destes Estatutos e respectivos Regulamentos;

b) Concorrerem eficazmente para a manutenção e prosperidade da Federação e propaganda do Espiritismo, exemplificando a sua moral;

c) Exercerem gratuitamente os cargos para que forem eleitos, desempenhando-os com tóda a dedicação e proficiência;

d) Estudarem e desenvolverem, metódica e scientificamente, as suas forças metapsíquicas latentes e a concentração mental, em benefício da Humanidade;

e) Pagarem uma cota mensal de um, dois e meio ou cinco escudos, conforme as suas posses, podendo, todos aqueles que assim o desejem, concorrer com cota superior que auxilie valiosamente a Federação;

f) Contribuírem anualmente para as despesas inerentes à inscrição da Federação na *Federation Spirite Internationale*, com sede em Paris — Rue Copernic, 8;

g) Auxiliarem trienalmente a representação da Federação no Congresso Espírita Internacional.

Art. 9.º Direitos dos Sócios:

a) Votarem e serem votados para todos os cargos da Federação;

b) Inscreverem-se gratuitamente em todos os cursos teóricos e práticos da Federação;

c) Organizarem grupos experimentais autónomos, funcionando na sede da Federação, em harmonia com o respectivo Regulamento;

d) Freqüentarem o gabinete de leitura, biblioteca, museu e laboratórios;

e) Levarem pessoas do seu conhecimento a todas as conferências;

f) Receberem dois exemplares de todas as publicações gratuitas editadas pela Federação;

g) Solicitarem à Junta Consultiva todos os esclarecimentos e ensinamentos sobre os assuntos em que desejem instruir-se;

h) Apresentarem por escrito à Direcção todos os alvites que julguem consentâneos ao progresso e interesse da Federação;

i) Formularem por escrito à Direcção reclamações devidamente justificadas;

j) Proporem a admissão de sócios ordinários à Direcção.

Art. 10.º Sob a proposta justificada da maioria da Direcção, serão irradiados os sócios ou Centros Federados, que tenham prejudicado, moral ou materialmente, a Federação, depois de terem sido convidados a apresentarem por escrito a sua defesa dentro do prazo mínimo de trinta dias, quando por um mínimo de dois terços de votos, assim resolva o Conselho Superior Deliberativo, de que não haverá recurso.

§ único. Serão irradiados todos os sócios que, sem motivo justificado, deixem de pagar seis cotas mensais sucessivas.

a) Os sócios, a que se refere o parágrafo antecedente, podem ser readmitidos logo que saldem os seus débitos.

CAPÍTULO III

Dos Centros Espíritas Federados

Art. 11.º Todos os Centros ou Grupos Espíritas portugueses podem ser admitidos pela Direcção como Associações federadas, desde que se proponham, satisfazendo as seguintes condições:

a) Serem constituídos por pessoas de reconhecida capacidade moral e de esclarecido conhecimento do Espiritismo;

b) Terem mais de nove sócios e existência devidamente legalizada;

c) Fraternalizarem e cooperarem, leal e dedicadamente, na realização dos objectivos da Federação, e apresentarem por escrito os alvitres que possam beneficiá-la moral, científica ou materialmente;

d) Enviarem à Direcção da Federação Espírita Portuguesa a sua declaração de adesão, assinada pela maioria dos seus Corpos Gerentes, dois exemplares dos seus Estatutos e Regulamentos, número dos seus sócios, indicando a cota mensal, trimestral ou semestral, com que desejam contribuir para a manutenção da Federação;

e) Nomearem um delegado, residente em Lisboa, que representará na Assembleia Geral um voto por cada dez sócios do Centro Federado, podendo todos os sócios dos Centros Federados tomar parte activa nas discussões das Assembleias Gerais.

Art. 12.º Quando a Direcção não aprove a federação do Centro Proponente, participará ao Conselho Superior Deliberativo os motivos em que baseia a sua rejeição, enviando-lhe todos os documentos e notas confidenciais, a-fim-de o mesmo Conselho resolver em última instância.

Art. 13.º Todos os Centros ou Grupos Federados conservam completa autonomia na sua organização e administração interna.

Art. 14.º A Federação Espírita Portuguesa, como legítima representante do movimento espírita em Portugal, por voto expresso no Primeiro Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa em Maio de 1925, prestará toda a sua íntima cooperação e auxílio aos Centros Federados, para o estudo e propagação do Espiritismo, quer enviando-lhes Conferentes, quer cooperando nos seus Congressos Regionais, quer auxiliando-os em todos os seus empreendimentos neo-espiritualistas.

CAPÍTULO IV

Da Direcção

Art. 15.º A Direcção é constituída por um Presidente, um primeiro Vice-Presidente, um segundo Vice-Presidente, um Secretário-Geral, um primeiro Secretário, um segundo Secretário, um Tesoureiro e três Vogais, eleitos pela Assembleia Geral, durando o seu mandato por três anos, podendo ser reeleita total ou parcialmente.

Art. 16.º Deveres e atribuições da Direcção:

§ 1.º Cumprir e fazer executar estes Estatutos e respectivos Regulamentos;

§ 2.º Exercer a gerência da Federação com a máxima dedicação e proficiência, especialmente na parte administrativa e financeira;

§ 3.º Resolver os casos não previstos nos Estatutos e Regulamentos que careçam de urgente resolução, ouvindo previamente o Conselho Superior Deliberativo, quando assim julgar conveniente;

§ 4.º Apresentar na sessão ordinária da Assembleia Geral as contas da sua gerência e parecer do Conselho Fiscal, em relatório devidamente documentado;

§ 5.º Representar oficialmente a Federação em todos os actos associativos, civis e judiciais.

Art. 17.º A Direcção reunirá em sessão ordinária duas vezes por mês e extraordinariamente sempre que assim julgue necessário.

CAPÍTULO V

Do Conselho Fiscal

Art. 18.º O Conselho Fiscal é composto de um Presidente, um Relator, um Secretário e três Vogais suplentes, eleitos pela Assembleia Geral por um triénio, podendo ser reeleito total ou parcialmente.

Art. 19.º Compete ao Conselho Fiscal:

§ 1.º Fiscalizar os actos administrativos da Direcção, devendo o Presidente, sempre que julgue conveniente, assistir às reuniões da Direcção, com voto consultivo;

§ 2.º Juntar ao relatório da Direcção, para ser presente à Assembleia Geral, o seu parecer sobre as contas e actos administrativos da Direcção.

Art. 20.º O Conselho Fiscal reunirá ordinariamente em cada trimestre e extraordinariamente sempre que fôr necessário.

CAPÍTULO VI

Da Junta Consultiva

Art. 21.º A Junta Consultiva será constituída de dez a cinquenta membros, de reconhecida capacidade moral e intelectual, eleitos pela Assembleia Geral por uma maioria não inferior a dois terços de votos, sendo o seu mandato de três anos e podendo ser reeleita total ou parcialmente;

§ 1.º Compete-lhe resolver as questões de ordem doutrinária e científica que lhe sejam propostas pelos Corpos Gerentes ou pelos sócios;

§ 2.º Presidirá às suas sessões o membro mais velho, tendo por secretários os dois membros mais novos;

§ 3.º Ficará a cargo do Secretário mais novo a redacção, registo e guarda das actas das sessões.

CAPÍTULO VII

Do Conselho Superior Deliberativo

Art. 22.º O Conselho Superior Deliberativo é constituído por todos os membros da Junta Consultiva, pelo Presidente e Vice-Presidente da Assembleia Geral, Presidente, primeiro e segundo Vice-Presidente e Secretário Geral da Direcção, e pelo Presidente do Conselho Fiscal, reunidos em sessão conjunta:

§ único. As reuniões deste Conselho serão convocadas e presididas pelo Presidente da Assembleia Geral, tendo como secretários os dois membros mais novos, realizando uma sessão ordinária mensalmente e extraordinariamente sempre que seja necessário.

Art. 23.º Além das atribuições exaradas em diversos artigos destes Estatutos, o Conselho Superior Deliberativo tem mais as seguintes:

§ 1.º Nomear as Comissões de propaganda doutrinária, de assistência aos enfermos, encarcerados e indigentes, da redacção e gerência do órgão oficial da Federação, de redacção dos Regulamentos internos, todas as comissões auxiliares necessárias à boa execução dos Estatutos e Regulamentos e ainda todos os Delegados Especiais da Federação, nacionais ou estrangeiros;

§ 2.º Organizar e nomear Comissões Delegadas em todas as cidades e

concelhos de Portugal Continental, Ilhas Adjacentes e Colónias, procurando harmonizar-se com os Centros Espíritas Federados das respectivas áreas :

a) O Conselho Superior Deliberativo pode retirar o mandato a todas estas Comissões e delegados, de que tratam os dois últimos parágrafos, fazendo ou não novas nomeações, sempre que assim julgue conveniente aos interesses da Federação, resolvendo em última instância ;

§ 3.º Elaborar o programa dos estudos e cursos teóricos e práticos do Espiritismo, sciências metapsíquicas, parapsíquicas e paleotécnicas, nomeando ou demittindo os respectivos regentes ;

§ 4.º Proceder à selecção e revisão das publicações que devem ser elaboradas, traduzidas ou editadas pela Federação ;

§ 5.º Nomear os sócios que devem realizar Conferências dentro ou fora da Federação, indicando locais e melhor oportunidade, conferindo-lhes o Direito de Delegados Especiais da Federação, para êsse fim, quando assim julgue conveniente ;

§ 6.º Realizar trienalmente um Congresso Espírita Português, em Lisboa ou no Pôrto, nomeando todas as Comissões respectivas ;

§ 7.º Nomear os Delegados da Federação aos Congressos Espíritas Portugueses Regionais, ao Congresso Internacional de Espiritismo e bem assim aos Congressos estrangeiros similares, psíquicos e metapsíquicos :

a) Os Delegados aos Congressos Espíritas estrangeiros, ficam obrigados, no prazo de sessenta dias, depois do seu regresso, a apresentarem ao Conselho Superior Deliberativo um circunstanciado relatório sôbre o respectivo Congresso, com uma apreciação sôbre as suas conclusões e resultados práticos e ainda a fazerem duas conferências públicas, uma em Lisboa, outra no Pôrto, sôbre o mesmo Congresso.

CAPÍTULO VIII

Da Assembleia Geral

Art. 24.º A Assembleia Geral é constituída pela reunião de todos os sócios e Delegados dos Centros Federados, sendo soberana nas suas resoluções, nella residindo todos os direitos e poderes da Federação.

Art. 25.º A Mesa da Assembleia Geral compõe-se de um Presidente, um Vice-Presidente, um primeiro Secretário, e um segundo Secretário, nomeados pela Assembleia Geral, eleitos por três anos, podendo ser reeleitos.

§ único. O mandato da actual Mesa da Assembleia Geral, assim como de todos os Corpos Gerentes e da Junta Consultiva, terminará em trinta e um de Dezembro de 1929.

Art. 26.º A Assembleia Geral reúne em sessão ordinária trinta dias antes de terminar o mandato dos Corpos Gerentes, a-fim-de proceder a nova eleição, e trinta dias depois de expirado êste mandato para apreciar e discutir o relatório e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, dando o seu voto sôbre as conclusões dos mesmos.

Art. 27.º A convocação da Assembleia Geral é feita em dois jornais de Lisboa, de maior circulação, com quinze dias de antecedência, por aviso afixado na sede da Federação, e com sete dias de antecedência para a segunda convocação :

§ 1.º Numa primeira convocação a Assembleia Geral só pode funcionar estando presente mais de metade dos sócios residentes em Lisboa ;

§ 2.º Numa segunda convocação funcionará legalmente com qualquer número de sócios, decorrida meia hora depois da indicada na convocação.

Art. 28.º A Assembleia Geral poderá ser convocada extraordinariamente :

a) Pelo Conselho Superior Deliberativo ;

b) Pelo Presidente da Assembleia Geral ;

c) Pela Direcção ;

d) Pelo Conselho Fiscal ;

e) A requerimento de vinte e um sócios no gôzo pleno dos seus direitos.

CAPÍTULO IX

Disposições gerais

Art. 29.º O ano económico da Federação é o ano civil de um de Janeiro a trinta e um de Dezembro.

Art. 30.º Os bens imóveis ou quaisquer papéis de crédito só podem ser vendidos, alienados ou hipotecados, por deliberação da Assembleia Geral.

Art. 31.º A alteração destes Estatutos ou dos Regulamentos internos só pode ser pedida a requerimento de cinquenta sócios, devendo comparecer na Assembleia Geral, convocada exclusivamente para este fim, pelo menos dois terços dos sócios requerentes.

Art. 32.º A Federação empregará os seus maiores esforços, para obter recursos que lhe permitam adquirir edifício próprio para a sua sede.

Art. 33.º A Federação não assumirá a responsabilidade de trabalhos experimentais medianímicos ou de qualquer outra natureza, quando realizados pelos seus sócios fora da sua sede.

CAPÍTULO X

Da dissolução e liquidação

Art. 34.º A Federação Espírita Portuguesa só poderá ser dissolvida sob proposta fundamentada do Conselho Superior Deliberativo, apresentada à Assembleia Geral, reunida exclusivamente para este fim, por um mínimo de dois terços de votos correspondente à totalidade dos sócios, e dos votos dos Centros Federados, quando por absoluta carência dos meios materiais não possa satisfazer os seus encargos :

§ único. Não se podendo realizar a presença de, pelo menos, dois terços dos sócios de que trata este artigo, nas primeiras duas convocações, será resolvida a dissolução na terceira convocação com qualquer número de sócios presentes e por simples maioria.

Art. 35.º No caso de dissolução será o Conselho Superior Deliberativo encarregado de efectuar a liquidação em harmonia com as leis vigentes :

§ único. Todo o arquivo será confiado à guarda do Centro Espírita Federado escolhido pelo Conselho Superior Deliberativo, ficando simples detentor e fiel depositário e que devolverá integralmente a qualquer nova Federação Espírita, que, porventura, venha a organizar-se em Portugal.

CAPÍTULO XI

Da aprovação destes Estatutos

Art. 36.º Os presentes Estatutos foram aprovados pela Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa na sua reunião magna efectuada em 27 de Agosto de 1925, eleita pelo primeiro Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa, em Maio do mesmo ano, assim como também elegeu os Corpos Gerentes em sessão de 11 de Julho de 1926, que devem funcionar até trinta e um de Dezembro de mil novecentos e vinte e nove.

Art. 37.º A Federação Espírita Portuguesa fica oficialmente constituída nos termos da lei de 14 de Fevereiro de 1907, tendo sido estes Estatutos aprovados legalmente no Governo Civil de Lisboa em vinte e seis de Maio de mil novecentos e vinte seis.